



cumbuca

Aracaju - Ano V • Nº 14 Junho/17 • R\$10,00



ISSN 2317-5117



EDISE



EDISE

Expediente

Editor

Amaral Cavalcante

Produção

Cândida Oliveira

Design Gráfico

Adriano Mendes

Guto Arcieri

José Clécio

Revisão

Yuri Gagarin

Coordenador de Pré-impressão

Marcos Nascimento

Gerente Editorial

Jeferson Melo

Colaboradores - Neste Número

Gabi Etinger (designer) • Antonio Nahud (escritor) • Anderson Camilo (artista plástico) • Geilson Gomes (blogueiro) • Ludwig Oliveira (jornalista) • Rômulo de Oliveira (médico) • Danielle Virginie (professora) • Bruna Daniely (jornalista) • Mario Resende (poeta) • Allan Jonnes (poeta) • Luiz Antonio Barreto (historiador)

Cumbuca

Ano V | Número 14

cumbuca@sgrase.se.gov.br

(79) 3205-7421

Rua Propriá, 227 - Centro

Aracaju - SE



Governo do Estado de Sergipe

Governador

Jackson Barreto

Secretário de Estado de Governo

Benedito de Figueiredo

Secretário de Estado da Comunicação

José Sales Neto



Serviços Gráficos de Sergipe

Diretor-Presidente

Ricardo José Roriz Silva Cruz

Diretor Industrial

Milton Alves

Diretor Administrativo-Financeiro

Filadelfo Alexandre Silva Costa

A Revista Cumbuca não se responsabiliza por conceitos emitidos nas matérias assinadas.

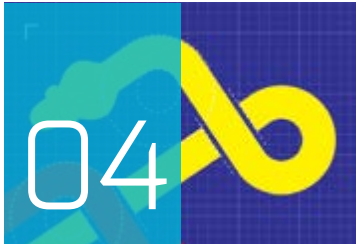
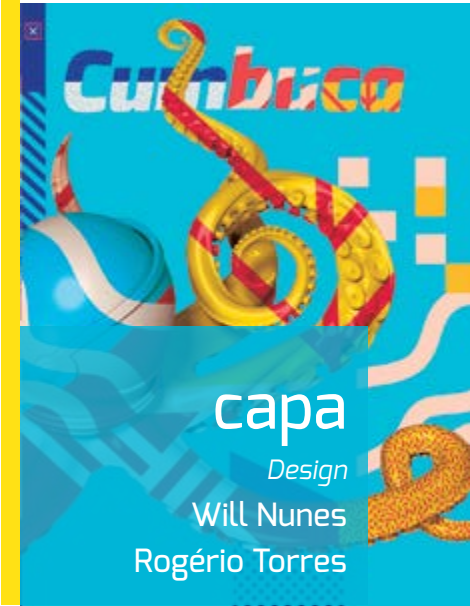
Cumbuca conta com o apoio da Secretaria de Comunicação Social do Governo do Estado de Sergipe.

carta ao leitor

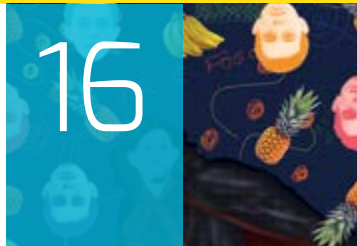
A Cumbuca 14 chegou! E com ela as novidades da cena cultural sergipana, seja da arte alternativa, seja os nomes que precisam ser preservados na história. A designer gráfica Gabi Etinger apresenta a história do design gráfico em Sergipe. Antônio Nahud lembra de Torquato Neto. Anderson Camilo fala de Gervásio Teixeira. Geilson Gomes apresenta a poesia e o rap das guerreiras sergipanas. Não pode faltar poesia, conheça as de Mario Resende e Allan Jonnes. A origem do chorinho por Ludwig Oliveira. Conheça também a história da Sociedade Filarmônica Nossa Senhora da Conceição, em texto de Rômulo de Oliveira. ‘Avie! A arte que vem da escola’ de Danielle Virginie. Bruna Daniely trata do ‘Jornalismo literário e a Revista Cumbuca’ e o texto ‘Os naufragos, uma história sangrenta no mar de Sergipe’ do saudoso Luiz Antonio Barreto (*in memorian*).
Boa leitura!

Ricardo José Roriz Silva Cruz
Presidente da Segrase

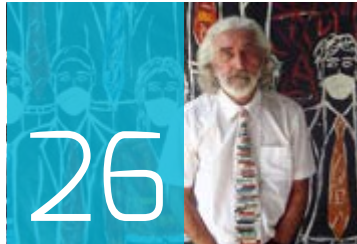
sumário



Design gráfico
a arte
Gabi Etinger



Torquato
Neto
Antonio Nahud



Gervásio Teixeira
Anderson Camilo



A origem do
chorinho
Ludwig Oliveira



AVIE! A Arte que
vem da Escola
Danielle Virginie



A poesia e o RAP
Geilson Gomes



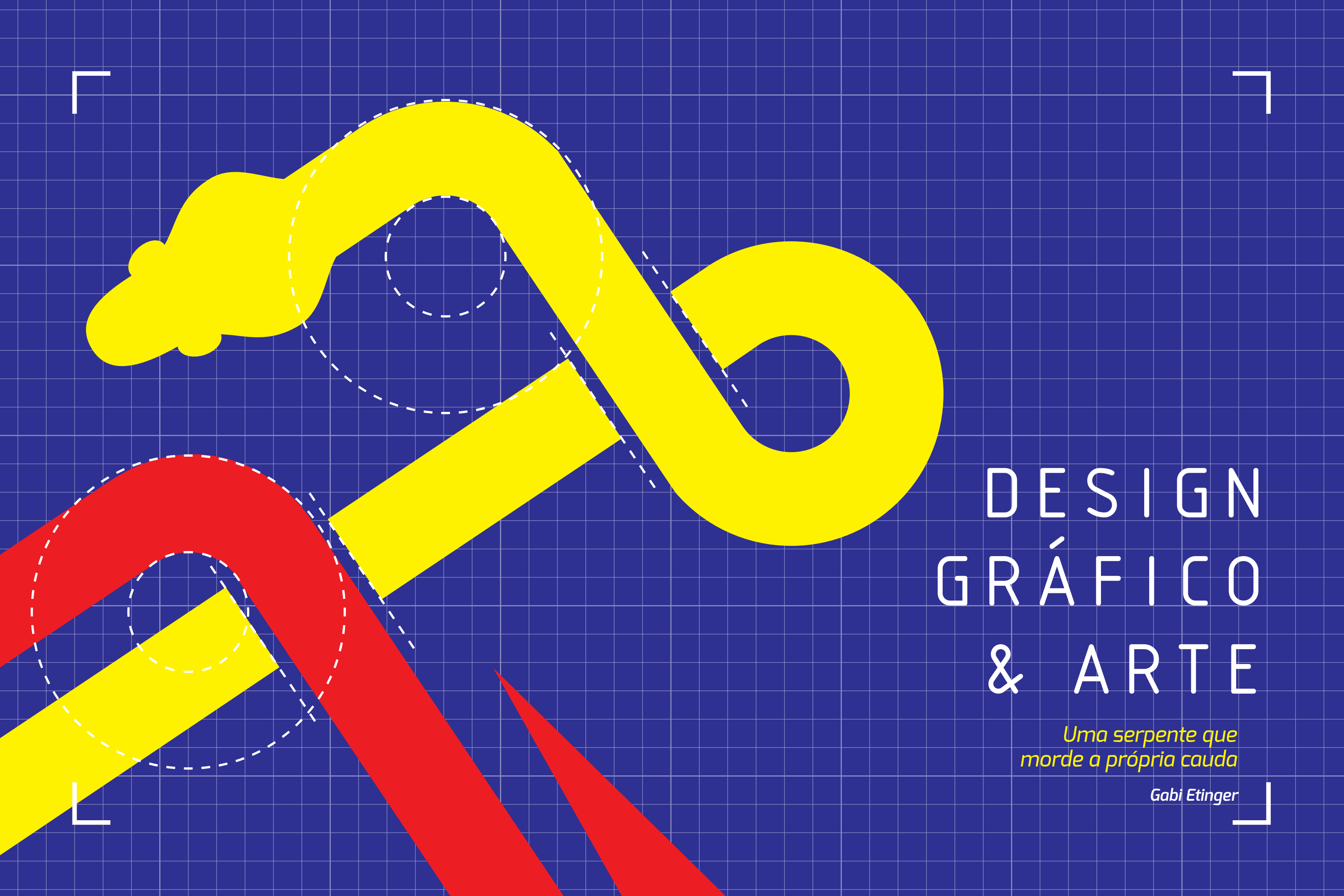
Filarmônica
Nossa Senhora
da Conceição
Rômulo de Oliveira



Jornalismo Literário
e a revista Cumbuca
Bruna Daniely

42 - Poesia
*Mario Resende
Allan Jonnes*

70 - Os naufragos, uma história
sangrenta no mar de Sergipe
Luiz Antonio Barreto



DESIGN GRÁFICO & ARTE

*Uma serpente que
morde a própria cauda*

Gabi Etinger

Tudo começou nas ruas de cidades em crescimento no final do séc. XIX, como Paris, com seus pôsteres artísticos anunciando as atrações dos cabarés. Sessões de entretenimento e produtos disputavam público e compradores através de pôsteres coloridos produzidos por um artista plástico com a técnica da litogravura. A história do Design Gráfico começa traçada na integração entre produção artística e industrial, impressa nos rótulos dos produtos e anúncios. Desde o princípio o design está relacionado com a arte.

Ao longo dos anos o Design Gráfico passou pela ilustração decorativa nas estruturas ornamentais do Movimento de Artes e Ofícios, até a influência da Bauhaus no design moderno, baseada na forma e função dos projetos gráficos e objetos, defendendo a linha simplificada, na qual menos é mais. Outros estilos se sucederam até chegar à era contemporânea, quando o Design Gráfico sai do papel para a tela do computador nos anos 80, aumentando a gama de possibilidades na produção gráfica. Cada avanço em mídias e técnicas foi dando ao designer maior controle sobre o processo gráfico na criação visual de impressos ou material para web.

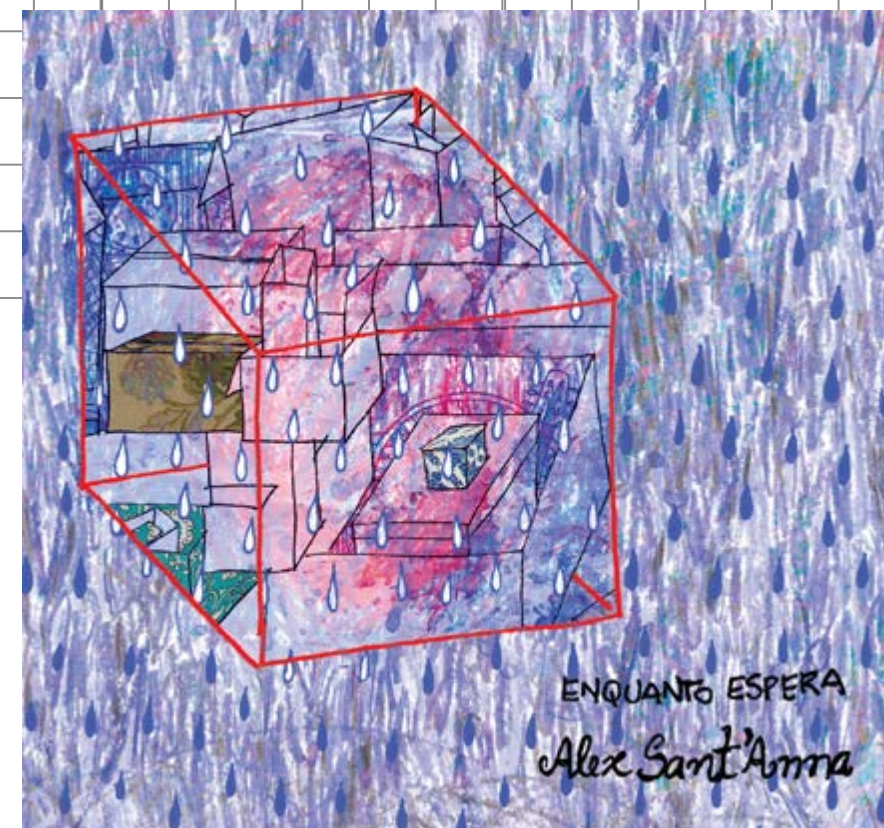
Depois do CTRL Z tudo mudou. Essas duas teclas fizeram o designer, e qualquer pessoa que use um computador, dar um salto no tempo de produção. Errou? Em 2 segundos aperta CTRL Z e

apaga a falha inesperada. Daí é só fazer novamente ou diferente. Sem falar nas facilidades dos softwares gráficos, com ferramentas atualizadas em novas versões a cada ano. O ganho em rapidez e controle no processo de criação é incontestável. Mas há um saldo negativo. O avanço que o computador trouxe levou boa parte dos estudantes a deixarem de lado a experiência artesanal, uma etapa importante no estudo e compreensão das formas em suas variadas possibilidades gráficas. As descobertas possíveis nos erros imprevisíveis do processo manual é enriquecedor para o designer gráfico. No “erro” pode estar uma solução. Experimentar e aprofundar os estudos sobre composições gráficas possibilita a descoberta de um design autoral, enriquecendo a produção gráfica de uma região, além de ajudar o profissional e seu trabalho a ganhar destaque em meio ao bombardeio imagético do século XXI. Faço essa afirmação observando a minha turma de graduação em 2006, quando eram raras as pessoas que se interessavam por processos manuais antes de ir para o computador. Em conversa com professores universitários, vejo que o quadro hoje não é diferente.

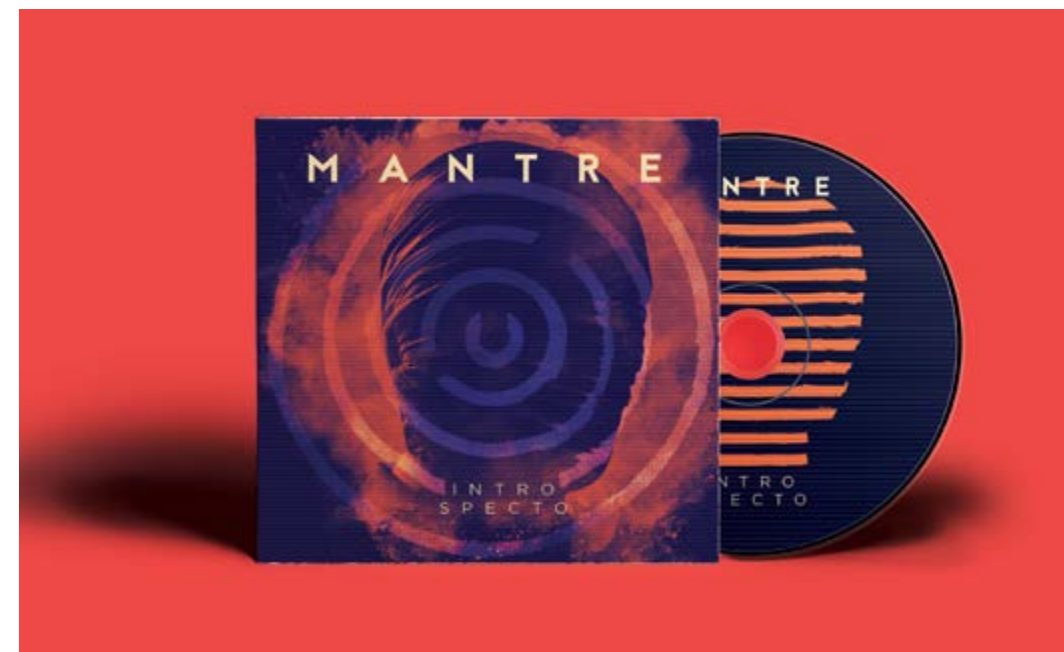
Aqui em Sergipe, o Design Gráfico apresenta um cenário composto na maioria por jovens profissionais atuantes em áreas variadas. É notável a preocupação e melhor qualidade dos projetos grá-

ficos locais desde o surgimento do curso de graduação na Universidade Tiradentes (UNIT) e Universidade Federal de Sergipe (UFS), há pouco mais de 10 anos.

Na era das redes sociais, o lema “do it yourself” impera. Pegando essa onda, os designers Will Nunes e Gabi Etinger atuam de maneira autônoma, em parceria com artistas independentes, na produção de materiais promocionais. Essa relação ajuda a profissionalizar a cena artística, oferecendo produtos atraentes para olhos e ouvidos.

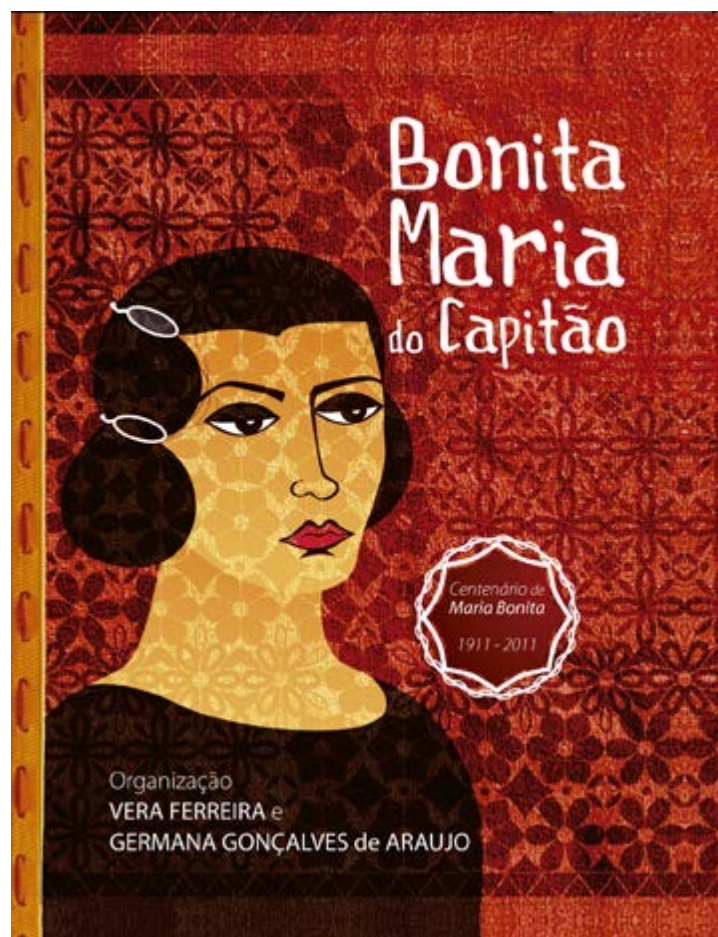


Projeto gráfico para o CD “Enquanto espera” (2016) por Alex Sant’Anna.



Concepção, criação e projeto gráfico desenvolvido para banda de rock sergipana Mantre (2015) por Will Nunes.

Capa do livro
"Maria Bonita do
Capitão" (2011) por
Germana Araújo.



O livro "Maria Bonita do Capitão", assinado pela designer e professora Germana Araujo, é referência na produção editorial local, com projeto gráfico minucioso, ganhador do Prêmio Aloísio Magalhães de Design Gráfico (2012), e indicado em 2 categorias no 54º Prêmio Jabuti (2012), ficando com 4º lugar em Projeto Gráfico e 9º lugar na Capa. Além de autora do projeto gráfico, Germana é organizadora e escritora do livro, em parceria com Vera Ferreira, filha de Maria Bonita e Lampião.



Ilustração e tatuagem por Felipe Ferreira.



"Sombreiro", estampa em bordado livre por Daniella Etinger.



"Chapéu vermelho",
ilustração integrante
de um protótipo da
Lumentch (2014) por
Thiago Neumann.

No editorial de revistas, atualmente, a Cumbuca ganha destaque em seu cuidado com o projeto gráfico, desde o papel utilizado à diagramação. A cada edição uma capa mais colorida e experimental que a outra, explorando a miscelânea de possibilidades no design contemporâneo. Os experimentos seguem no interior da revista, em grafismos que dialogam com as matérias, de visualidade atraente. O material dá atenção ao Design Gráfico de cabo a rabo.

Felipe Ferreira é um designer que extrapolou o papel e a tela do computador, partindo para a pele, onde imprime estampas eternas enquanto a carne dura. Falando em estampa, os recortes de tecidos coloridos, com bordados feitos à mão pela designer Daniella Etinger, animam personagens do seu imaginário em bolsas

e acessórios confeccionados em afinidade com as áreas de Moda e Artesanato.

O traço autoral de Thiago Neumann e Fabíola Monteiro é marcante na área de Ilustração. Thiago, graduado em Design Gráfico numa das primeiras turmas da Universidade Tiradentes, realiza trabalhos na área de games, em materiais didáticos, publicitários, editoriais, musicais e onde mais a ilustração possa estar. Fabíola assina Cifaela em seus desenhos para games e projetos colaborativos.

O infinito particular de Fernando Caldas, estudante de design gráfico (UFS) e quadrinista, ganha expressão nos desenhos das histórias de Éff, quadrinho criado por ele, em circulação no meio virtual desde 2014. O quadrinho ganhou versão impressa ano passado, com um recorte dos desenhos produzidos em 2015. Foi

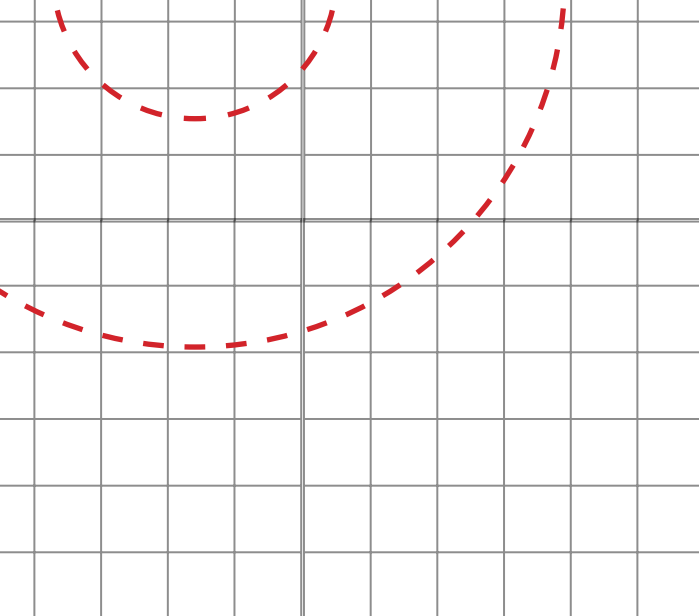


"Victor" (2014),
personagem do jogo
"Operação Abaporu"
por Fabíola Monteiro.

uma oportunidade de o trabalho ganhar as estantes, num registro físico.

Quando o design entra na esfera da expressão autoral há o encontro direto com a prática artística. Os anseios pessoais motivam a criação de projetos no lugar do briefing com o cliente. É um ciclo em movimento, como a serpente que morde a própria cauda. Início e fim não existem, arte e design são um só. Nesse limite inexistente entra em cheque a necessidade da graduação para um trabalho ser reconhecido como Design Gráfico. Exemplos interessantes são os trabalhos de Maicon Rodrigues e Aquino Neto, ambos sem graduação na área.

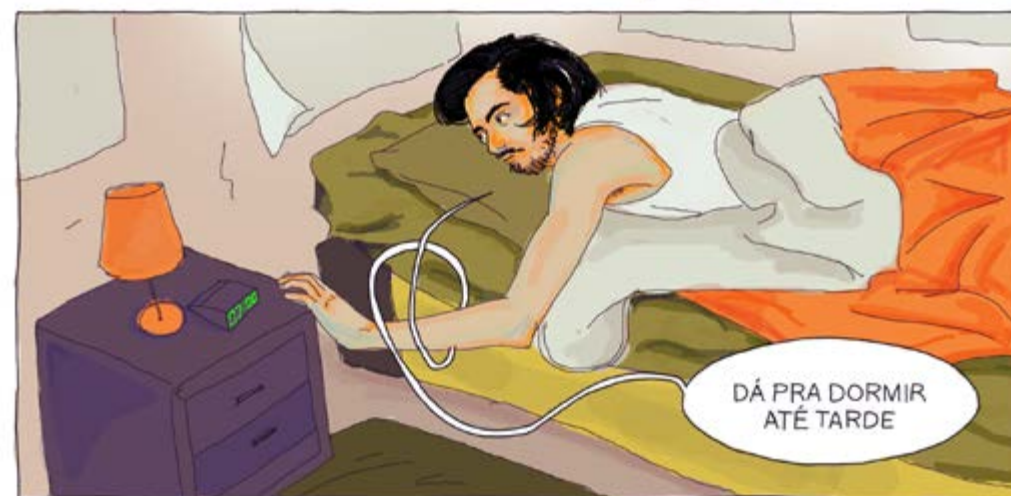
As ilustrações do autodidata Maicon Rodrigues, publicadas na internet e em fanzines, tem origem na relação afetiva com as HQ's desde os tempos de criança.



Com estética underground, o traço dos seus desenhos pode fazer parte de qualquer projeto gráfico relacionado com essa linguagem. O calendário iniciado nas redes sociais é um material que apresenta conceito e composição em harmonia com a linguagem despojada de Maicon. Existe unidade e identidade. Poderia ser produzido ou virar estampa.



Bochecha,
por Maicon Rodrigues.



Aquino Neto, sem pretensão de fazer Design Gráfico, toca a microeditora Café com Veneno, produzindo fanzines de modo independente. O interesse pelo fanzine veio fuçando coleções clássicas dos anos 80 e 90 na Freedom, loja de Silvio Campos, vocalista da Karne Krua. Também do universo underground autodidata, ele mesmo foi fazendo suas diagramações com colagens e intervenções manuais, finalizando o material em cópias xerocadas. Apesar de Aquino dizer que não tem muita preocupação gráfica, a qualidade do fanzine "Linhas Tortas # 3" chama a atenção pelo formato diferenciado e diagramação experimental, mantendo a legibilidade dos textos. É um processo intuitivo, como se as medidas e proporções estivessem em sua mente. O cuidado com o acabamento em costura, usando linha colorida, dá um charme na publicação. É um bom material de Design Gráfico, dentro da linguagem fanzine, com um estilo que poderia ser usado como referência para produtos gráficos. 

Relógio biológico,
por Fernando Caldas.



Marca da Café com
Veneno por Aquino Neto.



WILL NUNES

Designer gráfico multidisciplinar, graduado em 2007 (Universidade Tiradentes - UNIT), trabalhou em agências de publicidade e foi sócio do Beco de Criações, quando explorou trabalhos com processos criativos experimentais entre o fazer manual e o uso de recursos digitais. Atualmente trabalha home office. Sua busca criativa permeia os diálogos, experiências e pensamento aprofundado.



GABI ETINGER

Artista visual e designer gráfico (graduada na Universidade Tiradentes - UNIT), transitando nas duas áreas há 10 anos. Desde 2013 é responsável pela Calango Design e Comunicação, em parceria com o jornalista Rian Santos, focada na área cultural, produzindo projetos gráficos para artistas e eventos da cena artística de Aracaju. Tem interesse por experimentos com processos manuais. Atualmente é professora substituta no curso de Design Gráfico da Universidade Federal de Sergipe - UFS.



GERMANA ARAUJO

Atuante na produção editorial de livros, é professora efetiva do Departamento de Artes e Design - DAVD da Universidade Federal de Sergipe - UFS. Doutora em Cultura e Sociedade (2013, UFBA), Mestre pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Desenho, Cultura e Interatividade/UEFS/BA (MDci) em 2008, Especialista em Gestão Estratégica de Pessoas FANES/Aracaju/SE em 2006, bacharela em Desenho Industrial pela Universidade Federal da Paraíba/UFPB em 2000.



FELIPE FERREIRA

É graduando em Design Gráfico pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), mas já atua na profissão há pouco mais de 4 anos, principalmente na área editorial. Ultimamente tem se dedicado mais a ilustração e a tatuagem, acreditando que riscar a pele é uma maneira de infestar as ruas com pessoas que carregam arte, sempre.



DANIELLA ETINGER

Designer gráfico graduada na Universidade Tiradentes (UNIT), tem afinidade com a estamparia desde os tempos de colégio, quando pintava à mão desenhos em camisas para os amigos. Em 2013 iniciou o projeto Nós, com estampas feitas a partir de xilogravuras, usando a técnica blockprinting. No fim de 2016 a Nós virou TATO, um ateliê de ilustração e estamparia, com projetos autorais que exploram técnicas artesanais, a exemplo do bordado livre.



THIAGO NEUMANN

Iniciou a atuação de ilustrador em 2004, quando cursava Design Gráfico na Universidade Tiradentes (UNIT). Desde 2005 é Ilustrador 2D na Lumentech, empresa de games. Em paralelo administra sua produção freelancer, com projetos em várias áreas do Design Gráfico. Para ele a imagem deve entreter o expectador ao máximo e proporcionar uma imersão pessoal.



FABIOLA MONTEIRO

Graduada em Design Gráfico pela Universidade Tiradentes (UNIT), trabalha há quase 10 anos na empresa desenvolvedora de jogos Lumentech, participando de todo o projeto visual dos jogos produzidos com arte conceitual, design de personagens, imagens de divulgação, interface do usuário, marcas dos jogos e parte da direção de arte, dando pitacos em game design junto com a equipe.



AQUINO NETO

Seu primeiro fanzine foi o Guerilha, que durou dez edições entre 2004 e 2006. Após um tempo parado, montou a Café com Veneno em 2013, uma microeditora para seus próprios fanzines e materiais de amigas e amigos de outros estados. Ainda em 2013 começou o Linhas Tortas, que já teve 4 edições publicadas, além de outras publicações aleatórias em edições limitadas: Satvrn (2014), Abduzine_ (2016) e 子同人誌小 (2017).



MAICON RODRIGUES

Técnico em Informática, largou o curso de Ciências Sociais. Sempre foi um ilustrador amador e autodidata. Publica suas ilustrações na internet e em pequenos impressos sergipanos. Produziu fanzines autorais e colabora com outros no Brasil.



FERNANDO CALDAS

Quadrinista e estudante de Design Gráfico na Universidade Federal de Sergipe (UFS). Encontrou na internet espaço para difundir sua produção autoral, com projetos de quadrinhos abordando o cotidiano, em reflexões particulares. O interesse por História em Quadrinhos vem da possibilidade de registrar momentos na construção de argumentos.



"A Cumbuca ganha destaque em seu cuidado com o projeto gráfico, desde o papel utilizado à diagramação. A cada edição uma capa mais colorida e experimental que a outra, explorando a miscelânea de possibilidades no design contemporâneo".



Torquato Neto

o Nosferatu tropicalista

Antonio Nahud

Na madrugada de 10 de novembro de 1972, o letrista e poeta piauiense TORQUATO NETO foi ao encontro da morte em um pequeno apartamento no bairro carioca da Tijuca, onde vivia com a ilheense Ana Maria e o filho Thiago, de três anos. Deixou uma confusa mensagem com letras desiguais e frases entrecortadas, rabiscada em três folhas de caderno espiral: “Tenho saudade como os cariocas do tempo em que eu me sentia e achava que era um guia de cegos. Depois começaram a ver e enquanto me contorcía de dores o cacho de bananas caía. De modo que FICO sossegado por aqui mesmo enquanto dure. Pra mim chega! Vocês aí, peço o favor de não sacudirem demais o Thiago. Ele pode acordar”.



O suicídio aconteceu um dia depois do seu aniversário, após uma longa série de tentativas malogradas. Drogado e embriagado, o poeta vinha de uma ronda pelas boates da zona sul – numa delas assistiu a um filme cinemascópico de Rogério Sganzerla -, e assim que a esposa adormeceu, trancou-se no banheiro, vedou as entradas de ar e ligou o gás do aquecedor. Tinha 28 anos de idade. Deixando uma obra original que se resume em alguns poemas e trinta letras para canções de Edu Lobo, Jards Macalé, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Geraldo Vandré, etc. Atuou também em filmes experimentais, foi crítico de cinema, roteirista, produtor cultural, repórter de uma agência de notícias carioca e músico.

De sensibilidade latente e rebeldia romântica, complicado, culto, meigo, provocativo, exaltado e auto-destrutivo, combinava inteligência precisa e poética aguda, resultando numa criação singular. As crises de melancolia e insatisfação o fizeram eliminar boa parte de sua pro-

dução literária. Em 1973, o poeta baiano Waly Salomão e a viúva de Torquato, Ana Maria Silva, reuniram no livro “Os Últimos Dias de Paupéria” a produção de TORQUATO NETO: artigos publicados ou inéditos, fragmentos do diário sobre a passagem do autor pelo hospício, poemas. Acompanha um compacto com quatro músicas e comentários de Décio Pignatari, Hélio Oiticica, Haroldo e Augusto de Campos. Tornou-se uma espécie de bíblia da chamada poesia marginal dos 1970. Nele, a desenvoltura, a inquietação, a luminosidade do poeta.

Nascido em 9 de novembro de 1944, em Teresina, Piauí, numa família abastada, leu toda a obra de Shakespeare aos doze anos e dela tirava conceitos, discutindo-os com amigos. Magro, pálido, pés grandes e mãos longas, possuía uma sensualidade que nem mesmo os excessos alcoólicos ocultavam. Escrevendo compulsivamente, preenchia dezenas de cadernos com poemas e reflexões. Estudou o científico em Salvador, conhecendo Gilberto Gil e os irmãos Cae-

GELEIA GERAL

TORQUATO NETO

Pessoal intransferível



Ilustração: Godard. Poeta. Nunca teve medo de quebrar a cara. Quebrou?

Escute, meu chapa: um poeta não se faz com versos. É o risco, é estar sempre a perigo sem medo, é inventar o perigo e estar sempre recriando dificuldades pelo menos maiores, é destruir a linguagem e explodir com ela. Nada no bolso e nas mãos. Sabendo: perigoso, divino, maravilhoso.

Poetar é simples, como dois e dois são quatro sei que a vida vale a pena etc. Difícil é não correr com os versos debaixo do braço. Difícil é não cortar o cabelo quando a barra pesa. Difícil, pra quem não é poeta, é não trair a sua poesia, que, pensando bem, não é nada, se você está sempre pronto a fazer tudo; menos o ridículo de declamar versinhos sorridentes. E sair por aí, ainda por cima sorridente mestre de cerimônias, “herdeiro” da poesia dos que levaram a coisa até o fim e continuam levando, graças a Deus.

E fique sabendo: quem não se arrisca não pode berrar. Citação: leve um homem e um boi ao matadouro. O que berrar mais na hora do perigo é o homem, nem que seja o boi. Adeusão.





tano Veloso e Maria Bethânia. Na época, a capital baiana vivia grande agitação cultural, de Glauber Rocha a Lina Bo Bardi, de Othon Bastos a Jurema Penna, impulsionando um excepcional ambiente artístico. Irreverente, TORQUATO NETO foi expulso da escola de padres, mudando-se para o Rio de Janeiro em 1963, acatando o desbunde existencial em plena efervescência dos festivais de música.

Admirando Carlos Drummond de Andrade e Nelson Rodrigues, costumava segui-los nas ruas, sem se deixar perceber, num prazeroso ritual secreto. Na mesa de um bar, o botequim “Mau Cheiro”, no Arpoador, conheceu sua futura mulher, Ana,

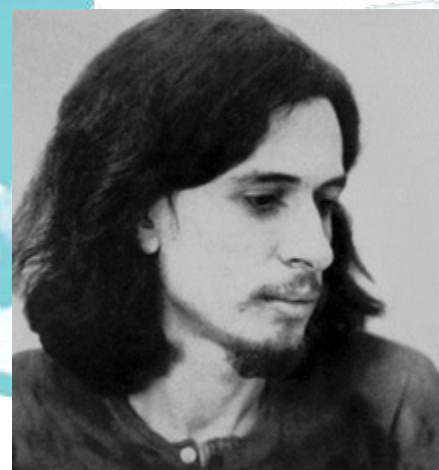
uma garota inteligente e de personalidade forte com quem viveria cinco anos, mas sem desprezar outras experiências sexuais. Ao lado de amigos como Chico Buarque, Caetano Veloso e Jards Macalé, viveu uma “vagabundagem inspirada”. A festa acabou com o golpe militar de 1964. A partir dali, a felicidade passou a estar, sempre, ligada à angústia. “Sou um homem triste”, ele escreveu em carta a um amigo, “sinto que sou um homem destinado à latrina”.

Trabalhou em jornais, gravadoras, agências de publicidade e até no Aeroporto Santos Dumont. Fez parte do corpo de redatores da revista “Cláudia”, “Jornal do Brasil” e “Estado de São Paulo”.

Escreveu o roteiro de três shows de sucesso: “Pois É”, “Maria Bethânia” e “Ensaio Geral”. Participou de performances, produziu espetáculos multimídia, roteirizou com o poeta-compositor José Carlos Capinam o programa de tevê “Vida, Paixão e Banana do Tropicalismo”. Escreveu a coluna “Pulg”, sobre cinema, no “Correio da Manhã”; outra de música popular no suplemento “O Sol”, do “Jornal dos Sports”, e no auge do tropicalismo, em 1967, publicou “Tropicalismo para Principiantes”, convidando a “viver a tropicalidade e o novo universo que ela encerra”. A TROPICÁLIA renovou a música popular brasileira, num reinado com conceitos hippies, encontros nas “Dunas do Barato” em Ipanema, Gal Costa no papel de musa, Arembepe, garo-

tas de minissaia, rapazes cabeludos, erva e ácido. O designer Rogério Duarte nomeou o espírito dessa época como “Apocalipópótese”. Nessa doideira, TORQUATO NETO passava as noites em claro, andando com um caderno cheio de poemas que um dia possivelmente seria um livro e vestido de maneira tradicional e cafona, transformando-se numa figura pitoresca.

Uma de suas manias, copiar frases de para-choque de caminhão. “Não me siga que não sou novela”, por exemplo. Contraditório, freguês de cachaça e tiragosto gorduroso nos botecos suburbanos e de LSD e champanhe em sofisticadas festas, travestiu-se jocosamente para o filme “Helô e Dirce”, de Luiz Otávio Pimentel, filmado na Cinelândia e no local de pegação Cine-Hora, mas no dia

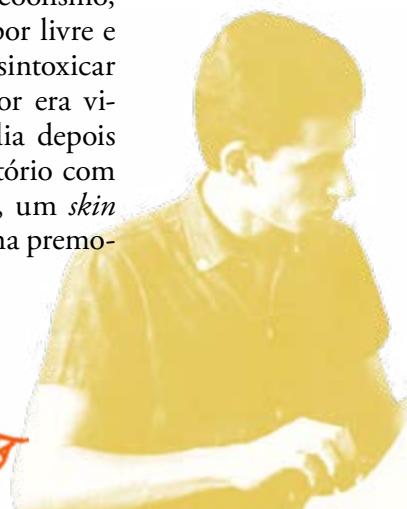
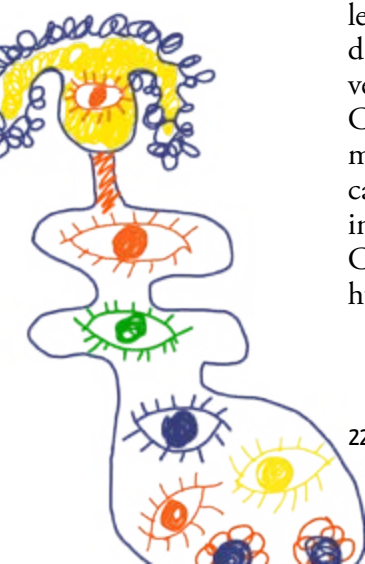


seguinte mergulhou na fossa, dilacerado pela culpa, como sempre acontecia ao libertar a bissexualidade. De 1968, no álbum “Tropicália ou Panis et Circensis” se encontra a famosa canção “Geleia Geral”, com letra-manifesto de TORQUATO NETO e melodia de Gilberto Gil. O título teve origem numa expressão pregada por Décio Pignatari, um trocadilho com “Geleia Real”.

A polêmica coluna de TORQUATO NETO, com o mesmo título da canção, era um espaço crítico-criativo-poético publicado no jornal “Última Hora”, de agosto de 1971 a março de 1972. De linguagem agressiva e descrente de qualquer função didática, chegou a se dirigir aos leitores com um “Alô, alô idiotas”. Nela, defendia as manifestações artísticas de vanguarda, divulgava o universo pop internacional e a cena *underground* brasileira. Militante ferrenho da implantação da contracultura no Brasil, o poeta aproveitou o espaço para abrir fogo contra o Cinema Novo, questionando o comprometimento político dele ao acusá-lo de laiaio de cargos e verbas oficiais, e atacando incansavelmente o debochado “Pasquim”. Certa vez, ao encontrar Jaguar, um dos humoristas do periódico, arrancou-lhe os

óculos, pisou-os e disse: “Um cego não precisa de óculos”. Como editor, ele fundou o alternativo “Presença” e pouco antes de morrer, junto com Waly Salomão, projetou NAVILOUCA, que Caetano Veloso viria a co-patrocinar o primeiro e único número como homenagem e reconciliação póstuma. O destemido Waly radiografou o colega como “Astro doido a sonhar. O nosso moço das ânsias. Pobre? Fauve! Fauve? Fraco herói underground. Fraco? Forte herói underground. Leão alado sem juba”.

A erudição, lirismo e originalidade poética de TORQUATO NETO deram uma poderosa contribuição ao Tropicalismo. Tímido, desajeitado, revoltado com o mundo, ferino, emocionalmente abalado e criador em crise, exigiu demais de todos, desejando “muito além do que já houvera feito”. Terminou por se internar no hospital psiquiátrico de Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, e em clínicas especializadas para superar o alcoolismo, num total de nove internações por livre e espontânea vontade. “Para se desintoxicar e dar um tempo”, dizia. Sua dor era visível. “Torquato apareceu um dia depois de uma internação em um sanatório com o cabelo completamente tosado, um *skin head avant-la-lettre*, e eu sofri uma premo-



NTO
VULFAR
A A RES-...!
VENCE E!

MARGINÁLIA II

eu brasileiro confesso
minha culpa meu pecado
meu sonho desesperado
meu bem guardado segredo
minha aflição
eu brasileiro confesso
minha culpa meu degredo
pão seco de cada dia
tropical melancolia
negra solidão

aqui é o fim do mundo
aqui é o fim do mundo
aqui é o fim do mundo
aqui o terceiro mundo

pede a benção e vai dormir
entre cascatas palmeiras
araças e bananeiras
ao canto da juriti
aqui meu pano de glória
aqui meu laço e cadeia
conheço na lua cheia
e termina antes do fim

aqui é o fim do mundo
aqui é o fim do mundo
aqui é o fim do mundo

minha terra tem palmeiras
onde sopra o vento forte
da fome com medo muito
principalmente da morte

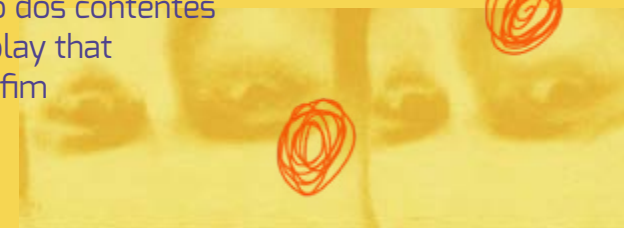


a bomba explode lá fora
agora o que vou temer
oh yes nós temos banana
até pra dar e vender
o lê lê lá lá

aqui é o fim do mundo
aqui é o fim do mundo

LET'S PLAY THAT

quando eu nasci
um anjo louco
muito louco
veio ler a
minha mão
não era um anjo barroco
era um anjo muito louco, torto
com asas de avião
eis que esse anjo
me disse
apertando a
minha mão
com um sorriso entre dentes
vai bicho desafinar
o coro dos contentes
vai bicho desafinar
o coro dos contentes
let's play that
Até o fim



DE TANTO
VER TRIUNFAR
AS NULIDADES...!
HEI DE VENCER!



crazy, crazy,
crazy, crazy,
crazy, crazy,
crazy



Com Caetano Veloso



Com Chico Buarque

nição terrível e insuportável de uma ovelha negra tosada se oferecendo ao cutelo do matadouro”, lembra Waly.

Em 1968, com o AI-5 e o exílio de amigos como Caetano e Gil, viajou pela Europa com o artista plástico Hélio Oiticica, morando algum tempo em Londres. Vivia-se a época da caça às bruxas ao inconformismo político. As forças cegas da ditadura militar não alisavam e os tropicalistas foram considerados como elementos nocivos e subversivos, perigosos para a segurança nacional. Calado, deprimido, recolhido e magoado com a desastrosa viagem a Londres e o rompimento com os baianos no duro exílio, abateu-se ainda mais com as mortes súbitas de Jimi Hendrix (que ele teria conhecido) e Janis Joplin. Ainda assim, incentivou a originalidade do emergente Cinema Marginal e de seus ícones Júlio Bressane, Ivan Cardoso e Rogério Sganzerla. Num super-8 de Ivan Cardoso, “Nosferatu no Brasil”, fez o papel-título, numa brincadeira com o seu apelido na vida real, atuando ao lado de Scarlet Moon de Chavelier. “Ele

tinha muita identificação com os vampiros, não gostava de claridade e era elegante como um conde da nobreza”, justificou, mais tarde, o cineasta.

De volta a Terezina, em 1971, filmou sob a direção de Carlos Galvão, “Adão e Eva no Paraíso de Consumo”. Na mesma época, compôs aberturas e trilhas sonoras de telenovelas populares como “Minha Doce Namorada” e “O Homem que deve Morrer”. Terminou brigando com a Globo e com o Conselho Nacional de Direitos Autorais. O amigo Ivan Cardoso dirigiu o documentário “Torquato Neto, o Anjo Torto da Tropicália”, com depoimentos comoventes, entre eles o de Gilberto Gil (“Tenho uma foto dele e Caetano comigo, pendurada na parede. Sempre a vejo. Gosto dele daquele jeito. Meio português, meio campestre. Como aqueles meninos que você vê nos filmes de Buñuel. Parece um daqueles devotos de Lourdes ou de Fátima”) e o de Caetano Veloso (“No período mais próximo da morte dele, vi muito pouco Torquato. Que era uma pessoa que eu via

muito. Então você sente uma angústia no sentido que parece que poderia ou deveria ter feito alguma coisa, ter estado perto de algum modo. Mas eu ficava sem ser arrebatado por uma emoção de sentimento, de saudade ou de choro. Até que já alguns anos depois fui a Teresina. Conheci o pai dele, o dr. Hely, ficamos conversando e ele me serviu uma cajuína. Foi quando eu consegui chorar a morte de Torquato”).

Haroldo de Campos traduziu TORQUATO NETO: “Verlaine escreveu sobre os poetas malditos – que eram aqueles simbolistas rejeitados pela sociedade. E o Torquato tem muito desse aspecto”. Outro poeta, Chacal, num verão de 1972 na Bahia, encontrou “Torquato de olhos e boca vermelhos, cabelos em chamas pela Avenida Sete. Essa foi a imagem que me ficou na cabeça, Torquato pela Sete, vertiginoso, volátil, dando pérolas aos porcos, em sua geleia geral lisérgica”. Em 1988, a banda Titãs resgatou para o pop contemporâneo o poema “Go Back”, musicado por Sérgio Britto. Autor de algumas das mais bonitas letras da nossa música popu-

lar, bardo alucinado, vértice tropicalista e um dos nomes mais influentes do panorama cultural de sua época, o nordestino que desatinava e desafinava o coro dos contentes, não segurando a barra dos anos de chumbo, escreveu: “É preciso não beber mais. Não é preciso não sentir vontade de beber e não beber: é preciso não sentir vontade de beber. É preciso não dar de comer aos urubus. É preciso enquanto é tempo não morrer na via pública”. Não conseguiu parar de beber a agonia do mundo.

TORQUATO NETO pôs em curso a poética da resistência cultural. Sua linguagem blasfema e antropofágica faz repensar o Brasil. O terrível é que morreu com asco de sua razão de ser: a literatura. Havia encerrado a possibilidade poética, perdera a fé nas palavras. Pouco antes do suicídio, distribuiu sua vasta coleção de literatura de cordel, queimou a maioria de seus escritos e quebrou a máquina de escrever, dizendo que nunca mais voltaria a usá-la. E assim aconteceu, vencido pelo desejo de desaparecer da face da Terra. **C**



GERVÁSIO TEIXEIRA

Anderson Camilo

*A arte de se
fazer entender*

Um ser mítico e humanista. Eis os únicos adjetivos que a princípio empregarei em busca de claras definições a respeito do artista Gervásio Teixeira. Testemunha ocular, muito longe de ser apenas um coadjuvante e muito menos um mero espectador dos acontecimentos relevantes que permeiam qualquer sociedade.

Nascido como artista, fruto de uma violenta migração quando ainda muito jovem o seu pai, um simples farmacêutico da pequena e quase pacata Frei Paulo-SE, se vê obrigado, em defesa de sua própria vida e segurança da família, por questões políticas, a abandonar a sua cidade no meio da madrugada rumo à capital sergipana.

Aos 15 anos o inquieto jovem observador residia em Aracaju no antigo Aribé, hoje bairro Siqueira Campos, em uma modesta casa na rua do Acre onde vivia com seus pais e 13 irmãos. Na época já riscava as calçadas do bairro, hábito que segundo o próprio foi determinante para a sua compulsão pelo desenho e busca de novas formas, exercício esse que carrega consigo até hoje mesmo após longos 45 anos de carreira. Segundo o Mestre “nunca imaginei que eu viveria tanto para contar tantas histórias tendo meu próprio trabalho como ferramenta expressiva”.

Contextualizando os fatores mais sutis ocultos no proceder humano eis um livro aberto. Leitor voraz e dotado de uma síntese expressiva peculiar e aguçada, nunca se prendeu a um único estilo, escola ou linguagem. A sua única apropriação foi um idioleto diverso, multifacetado e de uma coerência sóbria diante de tamanha beleza acerca de assuntos tão complexos, sem jamais se permitir apropriar-se de uma única linguagem que o definisse, apesar de um raciocínio claro e objetivo.

Até certo ponto enveredou sempre pela livre expressão, quanto à isso não há concessões nem maneirismos poéticos. A sua única licença é a clareza. Quanto à poética, isso fica à cargo das formas e cores sempre presente no seu trabalho.

O jovem impressionista parte na década de 70 para a capital baiana. Lá convive e interage com a escola modernista, recebe o carinho e apoio do conterrâneo Jenner Augusto, dialoga com os não menos ilustres Mário Cravo, Caribé e tantos outros. Certa vez o amigo Jenner diante de uma das suas obras menciona: “Essa geometria no fundo das suas obras me intriga, me inquieta, isso é grande”. Porém a estrada continua a exercer um grande fascínio ao mesmo jovem que riscava calçadas, agora distante de um menino em fuga.

O certo é que diante da saudade da sua terra natal e da estreita amizade que mantinha em longos passeios com J. Inácio, nunca pensou em voltar. Sempre suspeitou que a sua estrada estava apenas começando, mas sentiu a hora de atracar seu barco e acomodar as suas tintas por um tempo, o que fez em tempos quentes e sombrios na cidade do Rio de Janeiro, o que para ele “seria um verdadeiro inferno na terra se não fosse sua beleza natural”. Uma coerente afirmação para um jovem nordestino que de cara é recebido por uma ditadura militar implacável, insana



Alagados
1972 - 60x150 cm
óleo sobre tela



Paris, 1980 - 50x70 cm - óleo sobre tela



Réquiem para a Floresta, 1992 - 70x70 cm - óleo sobre tela

e incoerente. Nem mesmo a faculdade de Comunicação Social que o jovem ousava desbravar foi tão determinante para a formação e construção do seu ser analítico, crítico e participativo, que se fazia urgente em tempos de calar e viver ou falar e morrer. Ali só se fazia necessário os livros e a troca de informações a ouvidos miúdos.

Realmente, a academia não era a sua praia, o flerte não durou tanto. Nem neste curso, muito menos nos seguintes que iniciou e jamais concluiu. A sua paixão eterna sempre foi livros e isso lhe bastou para a sua eterna liberdade em ser. “Certa vez cheguei em um festival onde

o Chico Buarque iria apresentar-se fomos recepcionados por um corredor de soldados enfileirados. Para variar esse show não pode ser realizado. Censura!”.

Eis que soa o gongo em meio a um quase nocaute, um respiro. O jovem Gervásio é premiado com uma bolsa do governo francês para estudar na prestigiada Escola Nacional Superior de Belas Artes de Paris (École National e Supérieure des Beaux Art in Paris) realizando exposições individuais e coletivas. Destaque para a Galeria Debret e Galerie de La Défense, na cidade Herblay. Lá expôs um grande conjunto de suas obras, proferiu palestra



Mural Réquiem Para a Floresta, Rio de Janeiro-RJ, 1994 (esquina da rua Uruguaiana com rua Buenos Aires)



Painel Meninos do Brasil
2000 - Rio de Janeiro-RJ
21x2,10 m



Livros, 2014 - 51x72 cm - óleo sobre tela

na semana de debates sobre cultura brasileira, sem não antes expor pela primeira vez na Bienal de São Paulo. “Confesso que tive medo, o meu receio era de chegar lá e ser preso pelos ditadores” aduz o artista em uma de nossas muitas conversas regadas a um considerável número de cervejas e muita fumaça do perfumado fumo do cachimbo, prazer esse que o mesmo considera seu único hábito diletantista, além da leitura, é claro.

Em seu trabalho, diga-se de passagem, poucos artistas conseguiram extrair tamanha beleza de tantas restrições. Meio que uma forma de reestruturar o espaço urbano com cores e poesia. A cada centímetro encontramos uma certa organização volpiana, algumas pinceladas minimalistas das paisagens de Pancetti e uma gota do verde do grande amigo Inácio. Porém essas referências estilísticas são milimetricamente bem limitadas.

A busca de definições no trabalho do Gervásio não é tão simples assim, há muita



Sapatos
2014 - 51x72 cm
óleo sobre tela

dido. Isso ele descobriu bem cedo. Carrega um sentimento comunitário, uma realidade pungente e quase irreversível, nenhuma pincelada dissimulada, direta mas sem agredir, uma rispidez de gestos emocionados, armados apenas de boas

leitura em suas inspirações, há uma busca incessante de novos caminhos em suas aspirações. É bem verdade que suas telas pintadas em Paris nos anos 80 incorporam uma certa superfície dos vanguardistas europeus, mas nada perto do diálogo com as formas humanas do Cícero Dias e um certo contraponto com o contrarrâneo Eurico Luiz. O certo mesmo é que sua pintura é única. Talvez por essa razão tamanha festa da crítica especializada.

No primeiro contato, percebemos homens cansados e tristes em meio à luminosidade da região Nordeste, esse mesmo homem divide um certo espaço mesquinho com animais. Ao fundo encontramos uma minuciosa construção geométrica, que de tão sutil torna difícil a compreensão aos olhares menos atentos. É uma pintura não apenas humana de um simples contexto social, mas sobretudo humanística e generosa. Inteligentemente um protesto contra a migração voraz que consome o homem eva-

intencões. De uma coerência que edifica em sua primeira fase igrejas e casarios singelos, as praças e braços de mar, a natureza incólume. Do outro lado sufocantes andaimes, ruas congestionadas, florestas de concreto. Uma arte profundamente ética, diferente dos dias carregados que nos suportam, seja no aspecto crítico da devastação ambiental ou na extinção de espécies animais. Uma pintura impregnada de necessidades das mais urgentes e complexas, seja figurada em um simples par de sapatos, algo de fato grande diante de atuais valores tão pequenos.

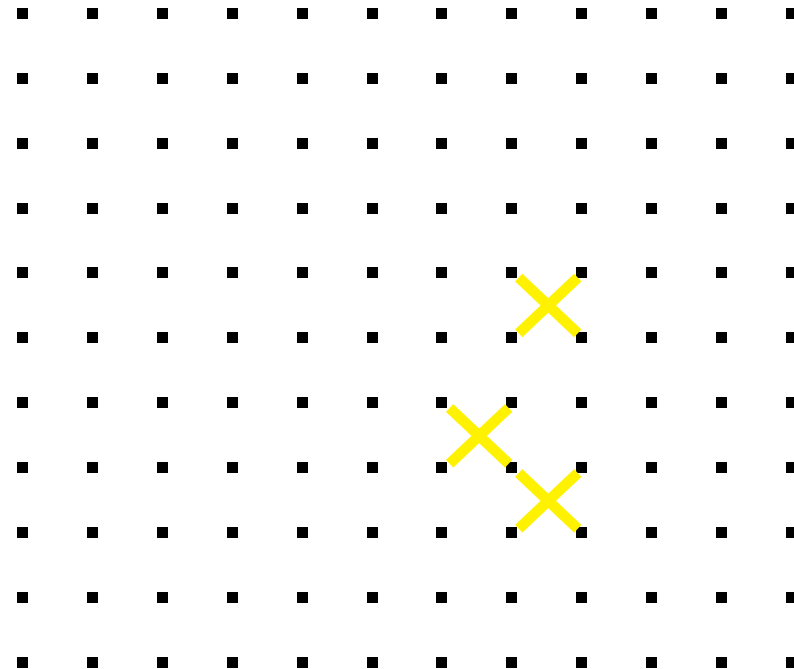
O mais fascinante desse grande artista é a coerência na sua linguagem plástica e no conhecimento puro que jorra da sua dialética. Um ser com uma postura consciente do que somos, do que precisamos e até certo ponto do que jamais conseguiremos alcançar. Ciente dos seus limites, consciente do seu papel. A impressão que temos é que o seu trabalho pertence a todos, talvez seja por essa razão a dis-



Cartaz Olimpíadas, 2016 - RJ - 60x85



Cartaz Paraloimpíadas, 2016 - RJ - 60x85



creta assinatura no canto da tela sempre em busca de esconder-se: “Procuro escondê-la, é bem verdade que nem sempre isso é tarefa fácil, mas tenho um imenso prazer quando não a veem”. Esse é o Gê como carinhosamente é chamado por sua companheira Lilia.

Todas essas linhas poderiam tratar-se de um passado, mas de fato está bem longe disso. Não foi por uma mera circunstância do destino que toda essa obra chegou aos nossos tempos com força na ECO-92, transitou pela RIO+20, ilustrou livros, dezenas de revistas consagrando-o assim como um grande trabalhador da arte, pintor, escritor, ilustrador, gravador e designer de móveis. Um artista múltiplo distante de passa, essa liberdade criativa sempre dialogando com o tempo atual. Nenhum passado o aprisiona. A prova disso é a sua nova coleção “Migração”. É isso amigos, uma nova coleção que já conta com uma dezena de obras tendo plástico industrial como suporte, ao qual não ousarei tecer comentários a respeito, pois isso o próprio o fará em breve melhor que ninguém.

O fato é que o velho Gervásio chegou na arte contemporânea, tendo suas obras incorporadas a grandes coleções por todo o Brasil e sempre se reinventando, tanto pela temática quanto pelo suporte e, acima de tudo, indo direto ao X da questão: “o homem e suas angústias”.



Migração
2017 - 200x200 cm
esmalte sintético
sobre lona industrial

Agora só nos resta esperarmos um pouco mais e que, não apenas essa exposição, sobretudo que seu acervo com centenas de obras de todas as fases possa ser conhecido e apreciado por todos, principalmente pelo público sergipano que conhece muito pouco ou quase nada deste, que sem dúvida é um dos maiores artistas brasileiros que apenas nasceu em Sergipe, que renasce e se reinventa em todos os lugares e circunstâncias. Um trabalhador árduo, um autodidata no grande sentido da palavra. Um imortal que não tem hora para partir nem tão pouco hora de chegada.

“O meu trabalho é uma forma ética de ver o mundo e o homem; é a forma plástica de dizer e participar desse mundo, decodificando o mágico da vida através do fazer artístico.

O trabalhador das formas e cores, na procura da expressão mais humana, diante de decadência de valores de pessoa, da violentação imposta à natureza, que tornam cada vez mais tristes e povoados de solitários esses dias de hoje.

A origem do nordestino migrante habitante urbano, influencia essa forma pessoal de ver o mundo de maneira crítica questionando o homem no atual estágio suicida, mas acreditando na beleza, na pessoa, no indivíduo, no seu silêncio, no seu trabalho, na interiorização individual para se tornar mais humano.

O corte, com a presença do contraste, é uma maneira que encontrei de mostrar um pouco esse universo interior e particular, a universalidade de minha visão. Um auto-retrato do hoje, uma recriação do mundo urbano marginal e humano” (1978).



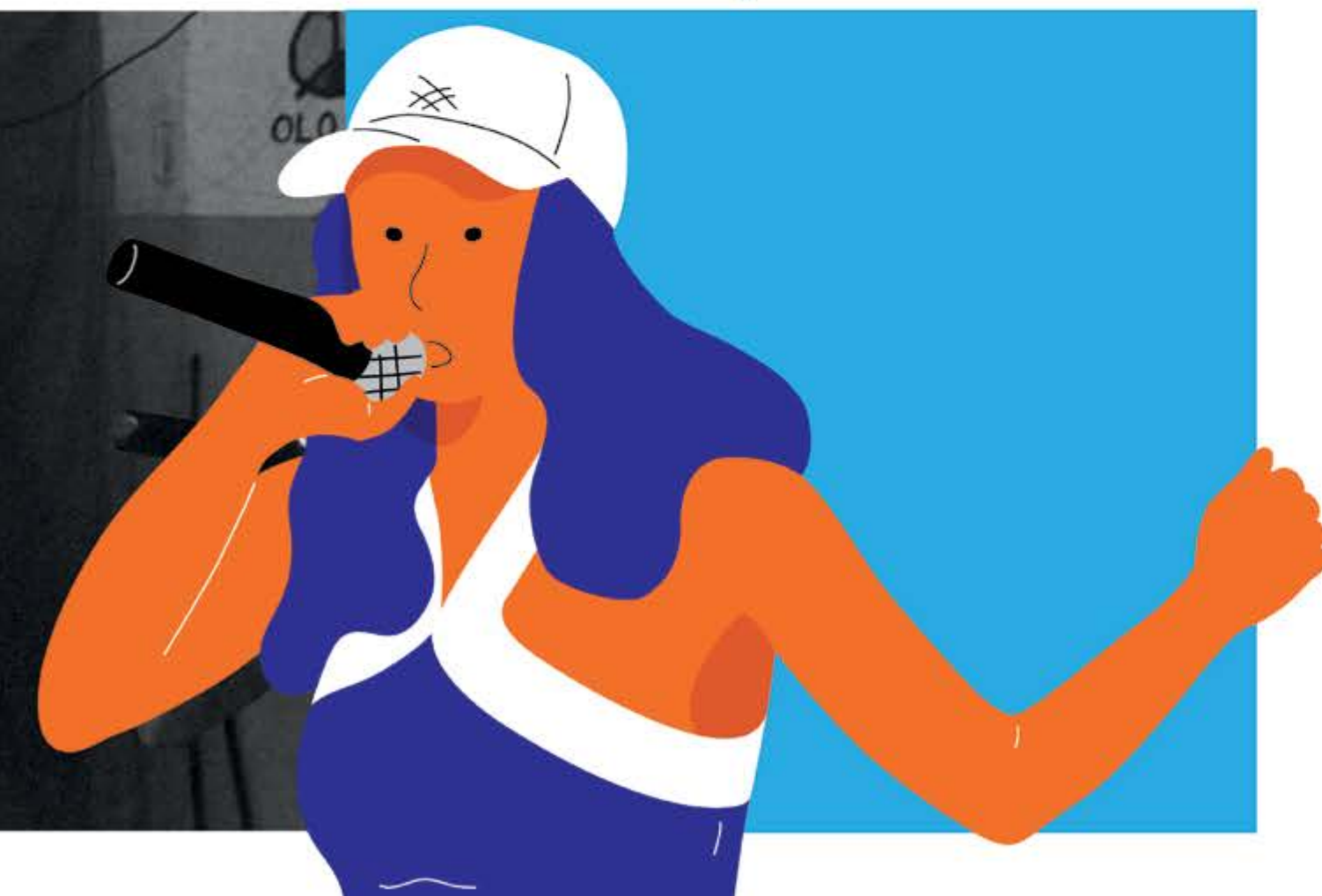
a poesia e o rap

das guerreiras
sergipanas

Geilson
Gomes

Cada vez mais protagonistas nas cenas da poesia e do rap, as mulheres vêm ocupando os espaços culturais do Estado, reverberando a força poética e musical que elas transmitem.

Ilustração: Adriano Mendes



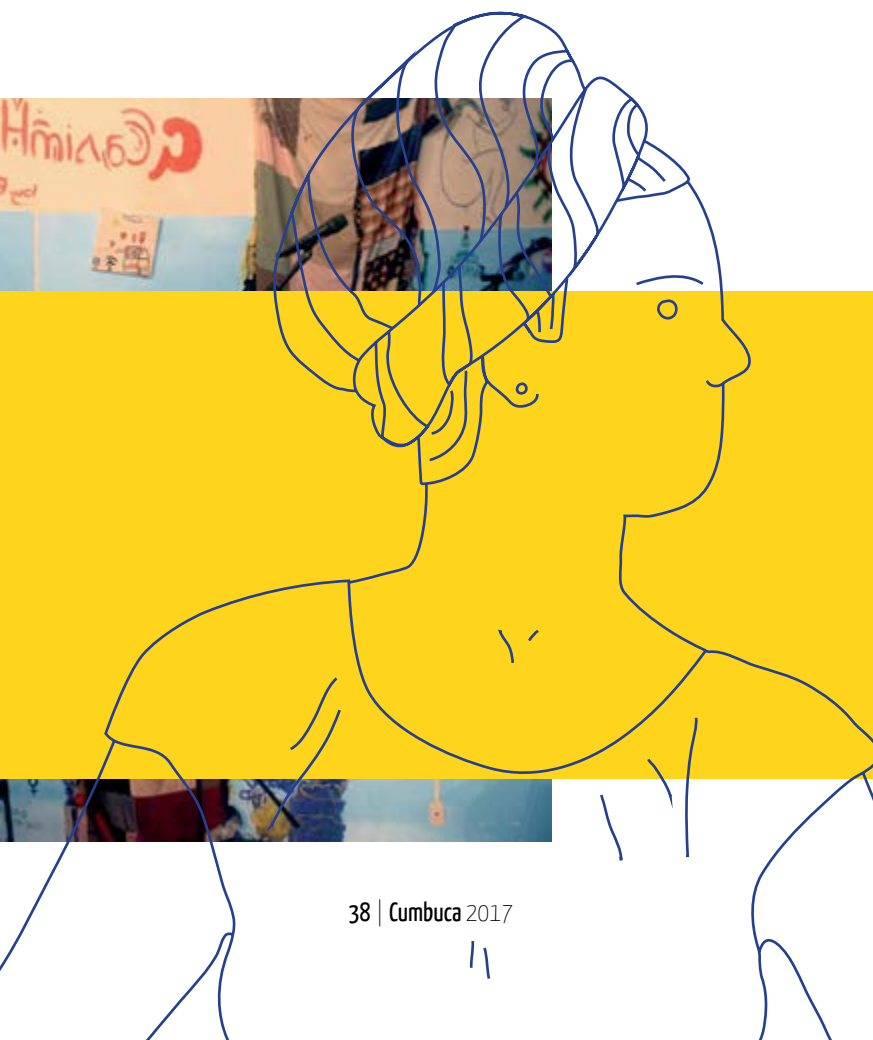


Casinha. Foto: Smash.

*“Um não para
minha pele, um não
para meus cabelos,
um não para
minhas palavras.
Todos os não que
me deram por ser
mulher, negra e
da periferia, me
calou durante muito
tempo, resultado
de uma sociedade
racista e machista.”*



Blenda Pereira em ônibus de linha municipal, em movimento pelo bairro Jabotiana - Projeto ID.cidade. Foto: Jéssica Dias.



Quem acompanha os diversos espaços culturais de poesia e rap em Sergipe, sejam nos saraus, nas rodas e nos shows musicais, percebe a crescente presença de mulheres cantoras, poetisas e MC's. A cada dia surge um grupo, uma cypher, uma batalha, uma poética, um conto produzido por mulheres, revelando que elas estão na linha de frente da evolução da cultura contemporânea, sendo protagonistas de um novo tempo.

Ao olharmos para o passado cultural brasileiro vemos que muitas produções feitas por mulheres eram encaradas em segundo plano, ou até mesmo eram jogadas no esquecimento. Raras foram as mulheres artistas que conseguiram transpor o estorvo do preconceito e da opressão e conquistaram espaço na história das artes.

Contudo, ao longo das últimas décadas, os processos de luta e conquista de representatividade em espaços públicos capitaneado pelo movimento de

mulheres em diversas frentes, inclusive na poesia e no rap, vem permitindo cada vez mais que elas ecoem suas demandas e suas histórias através de variadas expressões sociais e culturais.

Para a poetisa sergipana, Blenda Santos, poesia é estar no espaço que sempre foram negados às mulheres. “Um não para minha pele, um não para meus cabelos, um não para minhas palavras. Todos os não que me deram por ser mulher, negra e da periferia, me calou durante muito tempo, resultado de uma sociedade racista e machista. Quase 70% das mulheres vítimas de feminicídio no Brasil são negras, e eu preciso falar, nós precisamos falar. A minha identificação como mulher negra, que veio há um ano, através do meu encontro com o Coletivo de Mulheres de Aracaju é acompanhada de fome de voz”, afirma.

Ela, que conheceu a poesia no Sarau Debaixo, em Aracaju, conta que a luta cotidiana das pessoas é a sua fonte

de inspiração. “O que me inspira é a mãe por entre as prateleiras do supermercado escondendo um pacote de leite nas dobras de sua saia para o seu menino parar de chorar. Feito as palavras decoradas do vendedor de bala do ônibus, entrando sempre pela porta dos fundos. Como as pernas da travesti, caminhando na noite de uma esquina pra outra, de uma esquina pra outra, de uma esquina pra outra. Igual carrinho de mão de criança, dia de domingo, na feira do Bugio”.

Já Ravane Vasconcelos, uma das organizadoras do Sarau do Coreto – evento mensal que reúne artistas na cidade de Simão Dias - diz que a poesia traz mais cores para a vida, para o cotidiano. “Sabe quando a rotina, o estresse e a correria do dia a dia tornam os dias tão preto e branco, que nem mais percebemos as grandiosidade das pequenas coisas? Acho que a poesia traz justamente essa cor, essa outra forma de ver e sentir o seu mundo e o mundo a volta”.



Gilliany Oliveira. Foto: Smash.



Emanuele Caiane. Foto: RUA.

Sobre o Sarau do Coreto, ela conta que “organizar um evento cultural, onde a poesia é carro-chefe, carrega um grande desafio, tanto pela logística, quanto pela resistência, pois é um incentivo a leitura e a produção poética”. Ademais, Ravane que os moradores do município abraçaram o evento. “O espaço público já tem um novo significado na história e no resgate cultural da cidade”, declara.

Assim como em outras esferas sociais, em décadas passadas, a representatividade masculina reinava no universo do rap, forçando muitas mulheres que produziam e frequentavam festas de rap a se vestirem com roupas masculinas e se postarem como homens para serem aceitas no gueto musical. Para a pesquisadora Sandra Mara Pereira dos Santos, que estudou as relações de gênero no cenário do rap brasileiro, as mulheres estão fortalecendo, desde a década de 80, “espaços e significados sociais para expressarem suas vivências, questionamentos e visão crítica”.



Casinha. Fotos: Smash.

A rapper do grupo Artigo 163, Emanuele Caiane, conta que começou no rap como plateia e que progressivamente se envolveu com poesia e a música. “Comecei com muita gente, sempre participando dos espaços, das rodas de rima, das batalhas e dos shows, sempre dando um jeito de estar interagindo com o movimento cultural. É algo que me satisfaz muito, está ocupando esses espaços com uma galera que está aí para mostrar sua voz e suas ideias”, revela.

O Artigo 163 é formado por mulheres e vem se destacando na cena do rap. “A gente se uniu nesse grupo e colocou o nome que condiz com algo que a gente acredita, faz parte de nossa essência e de nossa realidade”, comenta a integrante do grupo - que conta também com a participação das rappers: Dani DK, Jujuba e Salva.

Elas não são a exceção no cenário sergipano. Muitas vezes fazem a história e ecoam no cenário do rap local, a exemplo de Negratcha MC, La Femina, Flor Marias, Mariáh Médici, Guerrilheiras, entre tantas outras mulheres. Isto mos-

tra o grande potencial que tem o trabalho das mulheres, produzindo a cada dia novas experiências musicais.

Emanuele coloca que é preciso mais atenção e respeito para as produções realizadas pelas mulheres. “Tem muita gente talentosa e o que precisamos mesmo é de visibilidade. Mulheres juntas fluem de um jeito que é muito incrível. Vamos crescer ainda mais, e não vai ser no sapatinho não, vai ser sem massagem. As minas estão chegando com os dois pés na porta. A gente não quer só existir e não que ser só ser a plateia”, assevera.

A depender da jovem rapper Gilliany Oliveira, moradora de Nossa Senhora do Socorro, a história continuará gerando bons frutos. Ela, que tem 17 anos, diz que conheceu o rap aos nove anos. “Eu me inspiro em fatos e acontecimentos que me comovem, transmito em meus sons, tentando melhorar a cada dia. Canto a minha realidade. Vamos fortalecer a cena feminina no rap e vamos rumo ao topo”, finaliza. **C**

Poesia **Mario Resende**



Professor do Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Sergipe. Doutorando em Artes Cênicas pela USP.

PALAVRAS, PALAVRAS...

Gosto das palavras que fazem barulho,
das sílabas que martelam ferro em brasa,
do conjunto de sons que embriagam a alma,
das vozes que descontroem verdades,
enxurrada de letras a lavar o limo colorido
(das pedras.

Gosto das palavras que gritam no silêncio,
aquelas que iluminam as noites,
mesmo sozinhas,
para varrer o cinza do medo e da covardia.
Amo as palavras que inquietam a alma,
as que provocam ruídos nas ruas e
brilho nos olhos,
os sons que libertam a semente para
nascer a árvore no asfalto.
Gosto das palavras que queimam
a temperar os ventos para mudar destinos,
as palavras que provocam trovoadas,
chuvas, relâmpagos, ventanias.
Gosto das palavras que se desnudam
(barulhentas,

a antítese do silêncio universal,
para colorir o movimento impetuoso da vida.

CRAVOS VERMELHOS

Neste coração costurado e cheio de queloides
tatuei seu nome como apanágio e cura,
na busca louca dos que querem prender o tempo,
essa mágica areia que escorre entre os dedos,
pétalas levadas nas ventanias das noites.
Plantei o cravo vermelho na terra mais fértil,
e esperei a flor como se cultiva o sol,
para observar - derrotado, em triste agonia,
o fenecer do sonho, no alvorecer da aurora.
Não te culpo - amor,
pela semente infértil,
minha sede de infinito sufocou o grão,
e se mentistes, não a mim, mas ao Universo,
essa minha alma que sofre de saudades,
sem saber de quê,
seguirá plantando cravos vermelhos.

O SERTÃO DAS ÁGUAS DOCES

Não há amor mais profundo pelas águas que se iguale
às almas de natureza sertaneja;
seres enamorados das nuvens escuras,
apaixonados pelas trovoadas,
saudosos das óperas chuvosas nos telhados,
dos ventos úmidos sobre as folhas do arvoredado que resistiu,
o olfato a procurar a essência perfumada do barro molhado,
qual incenso divino, prenúncio da vida.
Humanos e natureza sertaneja se amam,
se rasgam, costuram e curam suas dores na caída das águas.
Agradecidas, as árvores verdejam, os pássaros cantarolam,
peixes aparecem nas estradas, nas poças d'água,
como se dos céus viessem.

A água inspira, ornamenta, revela, transforma a secura da alma,
lustra a pele dos sapos e das cobras,
faz florir o maracujá do brejo,
verdeia o xiquexique, o cansaço da estrada seca,
o velandrinho cheiroso,
faz florir o cajueiro, o pau ferro, o ipê amarelo, o umbuzeiro,
o juazeiro verde, a umburana de cheiro...
Tempo bom para o sertanejo é o tempo das águas!
Estação das chuvas, tempo da alegria,
os rios enchem milagrosamente,
levando barrancos, pedras, galhos secos, vidas fracas,
porque tudo na vida tem prazo.
As águas nos ensinam:
para renovar a essência da esperança,
e harmonizar a nossa existência veloz,
da natureza e dos homens,
é preciso vivenciar, em plenitude, a sinfonia dos recomeços,
a alegria das águas.

SAUDADES

Perguntaram-me hoje se tenho saudades.
Falei que sim.
Saudades do meu tempo de vida roubado,
dos sonhos podados,
da minha covardia em não afiar o punhal
na hora e no momento certo.
De não usar a flecha na gordura da covardia,
ou na magreza do mau-caratismo.
Saudades de Clío,
a Deusa Viva,
aquela que se contenta em observar
(os acontecimentos

da janela.
De cultivar urtigas como se fossem Camélias,
essas flores subversivas e apaixonadas.
Se não tivesse saudades,
humano não seria.
Continuarei território vivo disputado
(pelos diabos
e deuses,
um purgatório de sentimentos,
na certeza que sendo um dia pó,
nada serei,
apenas lembranças do que poderia ter sido.

CHIFRES SAGRADOS

Bebem tranquilos no poço a manada de búfalos,
sorvem a lama com a ânsia abstrata de quem toma água limpa,
alguns vão primeiro porque se acham superiores,
os inferiores, sejam no tamanho ou no denodo,
esperam pacientes seu quinhão de lodo molhado.
Entre os búfalos, como ocorre entre os homens,
há qualidades inatas a sua natureza,
uns com mais, outros com menos,
alguns sem qualidade alguma,
se contentam em perpetuar-se na lama,
com suas barrigas grandes a arrotar capim e relva.
São seres orgânicos ocos,
ostentadores de chifres reluzentes,
iguais reis a balançar suas coroas de lata,
a fuçar absolutos nos pântanos,
o reino dos carrapatos e outros bichos sem serventia...
Búfalos e humanos,
ostentadores de diademas sagrados,
imperadores completos da simpatia dos sem razão,
testemunham nos seus mugidos fúteis,
o brejo que faz reluzir os chifres da tradição.

Poesia

Allan Jonnes

Allan Jonnes tem 27 anos, é estudante de Jornalismo pela Universidade Federal de Sergipe, nasceu em Lagarto-SE, atualmente mora em Aracaju, é poeta e vocalista da banda Madame Javali. Venceu em maio de 2013 o ZAP Slam – competição de performance em poesia – edição especial com poetas do Brasil, que teve a curadoria do escritor Marcelino Freire. Participou da Bienal do Livro em Pernambuco, do Festival Internacional de Poesia do Recife, Festa Literária das Periferias (FLUPP), Festa literária internacional de Paraty (FLIP). Apresentou-se também com performances de poesia eletrônica no Circuito Cultural Praça da Liberdade de Belo Horizonte (MG) e no festival de inverno de Garanhuns (PE) com a performance Intra Barulho: Poesia & Megafone. Foi convidado pelo poeta mineiro Bruno Brum para compor as edições 2014 das micro-antologias Leve1Livro, junto de outros poetas contemporâneos e participou da Antologia Poesia Agora, com exposição do trabalho de novos poetas do Brasil para o museu da língua portuguesa. Em 2016 lançou “Pequeno Volume”, o seu primeiro livro.

DA UTILIDADE PUBLICA

o senhor Cláudio Pereira
negociante de algodão doce e bexiga
de oxigênio para crianças parou
outro dia a sua bicicleta monark modelo circular
próximo dos arcos da orla
e manifestou a maior indignação da própria vida

não vendi nada até agora mas eu só queria mesmo é que um dia
saísse em qualquer jornal nem precisa ser de televisão
que o pessoal que faz algodão doce não coloca a boca na sacola
para encher essa desgraça de assopro ou de cuspe até que depois
a gente amarra tudo ali com baba e bactéria

nesse mesmo momento Pereira pegou uma
sacola de algodão ao vivo
prendeu cada ponta com dois dedos e girou
girou até encher o saco e depois deu um nó
sendo eu a sua testemunha
que de fato a boca não encosta

CAMINHO CONTIGO SOBRE A CABEÇA

caminho contigo sobre a cabeça
menos como caminham as roupas
desatentas
na bacia de Nanã
ou como caminham os piolhos satisfeitos
de voltas e voltas no mesmo cacho

caminho contigo sobre a cabeça
como quem descobriu outra geografia
para ladeira
como quem carrega a herdeira Dele
em meio a uma legião de bestas

com o dia em que lambi o teu indicador
da primeira vez
porque é ele o teu melhor dedo
e os teus dentes
níquel por crômio, ferro por molibdênio

caminho com o dia em que você
falou de Eclesiastes
e da ternura que senti
quando eu matei um pássaro criança
de tanto ter cuidados

caminho com o dia em que você me limpou
com o seu cabelo
com o dia em que eu enxuguei seu olho sem
saber uma palavra e hoje
da primeira vez
eu estourei o choro
estourei como choram os bichos
 chorei biológico
de dizer o seu nome e mordê-lo
nas espumas dos cigarros
de querer abrir no mundo
e procurar a sua casa

e porque você me percorreu
eu caminho como um homem percorrido

TAKE 01 EXT/DIA

tomada do automóvel
em que você dirige sem calçar as sandálias

como de costume os dedos dos pés
alvíssimos por cima dos pedais

governando os 98 cavalos do motor
para que avancem ou para que recuem

numa avenida por exemplo seus pés
tateando o freio antes que atinjas

as crianças na porta do colégio

98 cavalos subalternos ao menor sinal
dos seus dedos e uma constatação:

É no mínimo sublime a mecânica aplicada
Esta capacidade que deu a certas máquinas

de detonarem um poder com um pequenino
empregar de força

como é o caso no revólver
no poema
no sexo com a boca
e no evangelho de São Marcos.

MEMÓRIA DA VELHA CAIXA DE CABELOS

A memória de Bia Little Strange
em nossa Kombi

saudando com a sua mãozinha
de menina morta

a cruz do acostamento

onde o nosso antigo professor de inglês capotou
o seu Opala 88 dos meus sonhos foi definitiva.

Eu criança o meu desejo foi o de algum dia
Arrancá-la de algum desastre

corrigir o mundo ao seu redor
puxar às pressas o seu cabelo para defendê-la

do choque com um veículo por exemplo
e ser o seu herói reconhecido

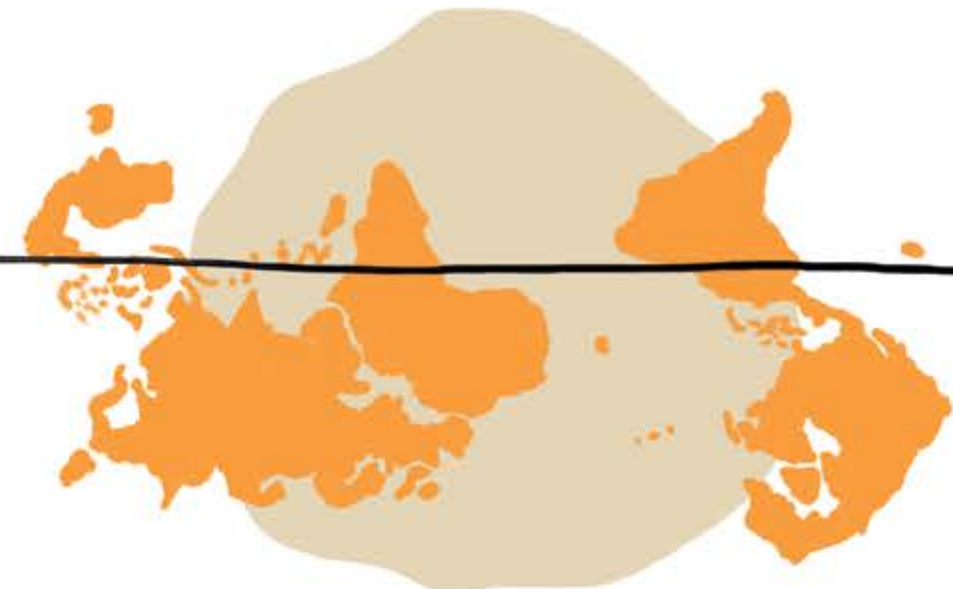
entre os outros alunos da eucaristia
e ela me pediria um encontro

para entregar uma oferta pela sua salvação
e me traria uma caixa inteira de cabelos

para eu ter como relíquia
e levantá-los na procissão do Papaizinho Morto

dizendo aqui Papaizinho Deus
os pedaços que eu guardei da menina

em cujo rosto o Senhor se manifesta.



O TRIUNFO DO CHÃO

Pode-se modificar o metro de uma perna.
O cabelereiro modifica o centímetro de
(um cabelo.

A natureza amplia o metro de um menino,
um acidente o diminui em pelo menos metade.

Há capacidades para tudo isto.

Só os metros entre dois endereços
no continente é que são irrevogáveis
dado que no início olharam os lugares
do mundo para dividi-lo
E o fizeram por debaixo.

Instituíram o triunfo do chão
sobre os animais de pé que se moviam.

Daí o caráter rasteiro do mapa-múndi
– a imensa figura de um chão.
Dado que se uma força arrastasse
todo o reino animal do Timor-leste
(para outro canto

essa força ainda não bastaria
para arrastar o nome Timor-leste
para junto dos seus animais.

O que está em pé não interessa, disseram,
e começaram com a cartografia. De modo
que o volume de uma casa também não tem
validade nenhuma para as instituições.

Se eu desarmo por exemplo minhas paredes
e levo embora a casa
e aparece no lugar um homem dos correios,
ele deita os meus papéis por cima do deserto
(e vai embora.

SOBRE AS JANELAS E OS DESLOCAMENTOS

Heidegger na ponta dos pés desembaraça a corda
para o meu segundo amigo

o primeiro arremessou-se na manhã de hoje
pela sala de estar

O homem melancólico é aquele para o qual
as portas não resolvem mais a questão
(do deslocamento.

As portas dão de um compartimento A
para um compartimento B

Um homem bem adequado diz:
tem um sufoco aqui no compartimento A

Deixe-me abrir essa porta
e me mover para o compartimento B

Ele move-se e está resolvido.

O homem melancólico diz
tem um sufoco aqui no compartimento A

mas compartimento A é a forma do seu corpo



Ilustração: Adriano Mendes

A origem do **Chorinho** e a chegada em Sergipe

Ludwig Oliveira



Ilustração: José Clécio

Alguns pesquisadores do choro dizem que o chorinho não é um ritmo, não é um gênero musical, o choro é uma forma de tocar; há quem diga que o chorinho deva ser a primeira música exclusivamente brasileira, mas não é.

Por anos a fio o choro foi se transformando e adquirindo feições exclusivamente brasileiras, e é um dos gêneros de maior reconhecimento e prestígio no Brasil, mas ele é oriundo das congadas africanas, aportou aqui no Brasil em princípios do século antepassado e recebeu uma roupagem tipicamente carioca de alguns músicos que tiveram notoriedade na ocasião, Antônio Calado, Carramona, Anacleto de Medeiros, Patápio Silva, Zequinha de Abreu, Chiquinha Gonzaga, Ernesto Nazareth Pixinguinha...

O Chorinho foi bastante utilizado por músicos que faziam apresentações em shows/bailes para a alta sociedade da metade do século XIX. Esse jeito de execução sempre foi buliçoso, brejeiro, saltitante, dançante e acima de tudo para ser um bom “chorão” o músico tinha que possuir uma grande virtuosidade e ser muito bom na improvisação.

Os ritmos propulsores do choro da virada do século XIX para o século XX foram, a polca, o tango, o maxixe, o xote e a marcha, com a difusão de bandas de música e do rádio foram ganhando todo o território nacional. Pixinguinha foi herdeiro de toda essa tradição musical, consolidou o choro como “gênero musical”, levando

o virtuosismo da flauta e aperfeiçoando a linguagem do contraponto com seu saxofone. Foi ele quem criou os primeiros “Regionais de chorinho” (assim é chamado o conjunto musical de chorinho) e se tornou o primeiro maior compositor de chorinho tendo como seu mais fidedigno parceiro o flautista Benedito Lacerda.

A chegada do Choro em Sergipe

A partir do início dos anos 50 é que o nosso estado de Sergipe conheceu de perto o chorinho e começou a tomar um bom impulso com a visita de músicos dotados de grande virtuosidade oriundos do sul do país. Ao chegarem aqui eles buscavam através de programas radiofônicos da época os bons músicos locais para juntos formarem rodas de choro. Em verdade o número de bons músicos daqui era diminuto, pois os poucos músicos desta época eram na realidade seresteiros que praticavam Saraus, Madrigais e Serenatas onde exploravam a música de nosso cancioneiro popular conhecida como a música de Seresta. Mas por serem exímios músicos tornaram-se chorões: Carnera, Carvalhal, Argollo, Macepa, João Rodrigues, Beto do Cavaco, Zé do Cavaco, Inefânio do Cavaquinho



Medeiros e Seu Regional

(meu pai) e Moraes, Walmir Jararaca Teles, Carlos Tirso, Antônio Teles e Lourão (cantores), mas foi por volta de 1961 com a chegada do clarinetista de plagas alagoanas o maestro Medeiro que houve em definitivo uma ascensão do chorinho que chegou a tomar as características do choro original, aliados ao baterista e cantor Hilton Lopes começaram a formar diversos regionais para uma atuação profissional com pró-labores (cachês) nas principais “boates” como, Miramar, Chantecler, Xangai, Bela Vista, Ferro de Engomar, Capineira, Bambu...

O Recanto do Chorinho era localizado na Rua de Bahia com Amapá, por

ser um lugar exíguo foi então criada uma comissão para pleitear do então governador Albano Franco no último ano de seu primeiro mandato um espaço maior, pois o estado é detentor até hoje dos melhores espaços para esse fim. Eu, Aguinaldo (proprietário), Elza Góis, Cândido, Cleômenes (frequentadores permanentes do Chorinho) fomos orientados a criar uma Associação, a partir daí a documentação foi enviada a Assembleia para

apreciação e consequentemente aprovação e repassada para a dita Associação através de “Comodato”. Portanto, o Recanto do Chorinho está localizado no Parque da Cidade desde 1998.

A partir do início dos anos 50 é que o nosso estado de Sergipe conheceu de perto o chorinho e começou a tomar um bom impulso com a visita de músicos dotados de grande virtuos e oriundos do sul do país.



Odir Caius & Regional



Silvína & Os Boêmios Nota 10



Dom José Do Ban

Em meados dos anos 70 existia o “Chorinho do Tio Carlito” que era localizado na rua paralela a rua de Bahia, no fundo do antigo INPS do Siqueira Campos. Com um assassinato ocorrido na calçada do referido chorinho o Tio Carlito (era assim conhecido) fechou suas portas encerrando assim suas atividades.

Em 1977 surge o “Chorinho do Bizú” criado por Hilton Lopes na Rua Mariano Salmeron, local onde por muito tempo foi localizada a Transvemasa, onde houve dois “Festivais de Chorinhos” com a participação de Regionais de várias cidades do interior do estado, na metade do

ano seguinte o seu proprietário, o Bizú, resolve fechar suas portas.

Chorinho do Inácio criado em 1995 continua com suas portas abertas e com uma frequência grande por parte daqueles que apreciam um bom chorinho. Está localizado no bairro Novo Paraíso.

Hoje temos em Aracaju bons “Regionais de Chorinho”, que têm participado do “Movimento do Choro Sergipano” criado pelo Radialista Sérgio Thadeu, filho do saudoso Cel. Tadeu Cruz que mantém até hoje programa radiofônico “Domingo no Clube” voltado exclusivamente para o chorinho. **C**

**SOCIEDADE
FILARMÔNICA**

Nossa Senhora da Conceição

Rômulo de Oliveira



A Sociedade Filarmônica Nossa Senhora da Conceição (NSC), de Itabaiana/SE, tem suas origens em 1745, a partir do grupo musical religioso, Orquestra Sacra do Padre português Francisco da Silva Lobo; no ano de 1879 é convertida em Filarmônica Euphrosina, pelo maestro e tenente Samuel Pereira de Almeida e, em 1897, recebe o nome de Filarmônica Nossa Senhora da Conceição, pelo maestro Francisco Alves de Carvalho Junior. Nomes ilustres da historiografia sergipana participaram dessa instituição, a exemplo do jurista Tobias Barreto de Menezes, José Calazans e José Sebrão de Carvalho.

Desde o ano de 1897 a filarmônica concentrou suas atividades na formação de banda de música com predomínio de instrumentos de sopro. A partir do ano de 2005 acrescentou-se às atividades de banda um programa de ensino de instrumentos de cordas que viria dar origem aos grupos de sinfônicos: Orquestra Sinfônica de Itabaiana, a Orquestra Preparatória e a Orquestra Experimental, além dos grupos de câmara. Toda esta estrutura que surgiu a partir do ano de 2005 teve por finalidade manter a perenidade da orquestra sinfônica, ou seja, os grupos mais jovens (orquestra preparatória e experimental) servem de base para a manutenção da orquestra sinfônica. Em 2012, em parceria com o Ministério da Cultura, foi criada a

escola de lutheria com o objetivo de formar jovens selecionados na própria instituição no ofício de confecção e manutenção de instrumentos de cordas (violino, viola de orquestra, contrabaixo acústico e violoncelo). A escola de lutheria além de desempenhar o papel social de formação técnica de jovens, atende às necessidades da instituição uma vez que todos os instrumentos de cordas das orquestras passaram a ser lá reparados.

No ano de 2007 e 2014, a Sociedade Filarmônica NSC foi contemplada com o prêmio de apoio a orquestras do Ministério da Cultura. É reconhecida como utilidade pública municipal, estadual e federal e cadastrada no Fundo da Infância e do Adolescente. Ao longo de sua história, tem contribuído com o desenvolvimento sociocultural da cidade de Itabaiana e do Estado de Sergipe, através da música. Anualmente tem uma programação definida com apresentações e concertos em espaços públicos na cidade de Itabaiana e no Estado, incluindo concertos didáticos para crianças, adolescentes e adultos. Suas atividades pedagógicas são realizadas no Instituto de Música Maestro João de Matos. A instituição possui também o Espaço Cultural Padre Francisco da Silva Lobo destinado às atividades artístico-culturais e onde estão localizados o Museu da música, uma galeria de arte e uma sala de cinema. **C**



1. FNSC-ano-1904
2. Banda Sinfônica
3. Grupo-de-Flauta-Doce



CONJUNTOS SINFÔNICOS

Programa de prática sinfônica para o desenvolvimento da técnica instrumental, percepção musical e literatura do repertório para banda e orquestra sinfônica.

- Banda Sinfônica da Sociedade Filarmônica NSC
- Banda Jovem da Sociedade Filarmônica NSC
- Banda Infantojuvenil
- Orquestra Sinfônica de Itabaiana
- Orquestra Preparatória de Itabaiana
- Orquestra Experimental de Itabaiana

CONJUNTOS MUSICAIS

Programa de iniciação musical, no qual o aluno será introduzido ao campo da música, através de uma metodologia prático-teórica.

- Grupo de Flauta Doce da SFNSC
- Turmas de Iniciação a Teoria Musical e Solfejo
- Grupo de Violões da SFNSC
- Classe de Piano
- Grupo de Percussão da SFNSC

CONJUNTOS DE CÂMARA

Programa de prática camerística, no qual os alunos mais avançados e professores tocam nas diversas formações, com o intuito de aprimorarem os conteúdos técnicos e musicais.

- Quinteto de Metais da SFNSC
- Quarteto de Saxofones da SFNSC
- Quarteto de Trombones da SFNSC
- Quinteto de Cordas Sonata
- Quinteto de Metais Alpha

REGENTES TITULARES

- Valtenio Alves de Souza
- Angelo Rafael P. Fonseca

4. Lutheria
5. Turma de Iniciação musical
6. Sede

AVIE!

A ARTE QUE VEM DA ESCOLA

Danielle Virginie

Entre dezembro de 2016 e janeiro de 2017, a Secretaria de Estado da Educação, por intermédio do Núcleo de Projetos Criativos e Inovadores – NUPI realizou a primeira exposição de trabalhos artísticos produzidos por alunos da rede pública estadual de ensino, em uma galeria de arte. A exposição AVIE! Artes Visuais na Escola aconteceu em duas etapas, tamanha a procura, na galeria de Arte J. Inácio, no prédio da Biblioteca Pública Epifânio Dória.

A exposição é o ápice do projeto homônimo, que trata da observação por parte dos professores de Arte da rede pública estadual, do desempenho de alunos que estão envolvidos com o trabalho artístico para além das atividades escolares. O projeto não expõe exercícios ou tarefas simples resultantes das aulas de Arte; ele busca projetar alunos que se destacaram por suas habilidades e por sua vontade de seguirem na carreira das Artes Visuais.

Para tanto, a figura do professor de arte foi fundamental no processo. Entendemos que o professor é o responsável pelo acompanhamento direto da produção artística no espaço escolar e tem o poder de discernir os trabalhos com potencial projeção. Por conta da subjetividade que também permeia os processos de observação, é que foram valorizados pelo edital da mostra AVIE! os desejos dos alunos, ou seja, para o processo de seleção das obras a serem expostas, professores inscreveram alu-

nos, bem como houve espaço para a inscrição livre realizada pelos próprios estudantes, sem o intermédio de um professor.

Quando escrevemos o projeto, pensávamos muito no que foram as nossas aulas de Arte. Decisivo para que o AVIE! tomasse contornos de exposição artística, o ator e professor Manoel Cerqueira provocou a rememoração de nossa vida escolar, uma “revisita” às nossas aulas de arte. Esse exercício de memória contribuiu para reforçar a importância do papel do professor de arte na vida escolar do aluno, quando aquele atua como um agente provocador da compreensão e da construção de uma percepção estética do mundo.

Lembramos, durante o exercício de memória, dos nossos grandes feitos desprezados. Contudo, alguns contribuíram para o que seria a nossa vida dali em diante... Na sala de aula de uma grande escola da capital, em 1996, a professora Mônica pediu que os alunos fizessem um desenho livre e explicassem seu significado como se ensaiassem uma campanha publicitária. Recordo-me de ter traçado linhas, rabiscos, com o lápis de cor, respeitando a ordem de cores que vinham na caixa. Ao final tracei um contorno preto envolvendo os rabiscos. Entreguei o trabalho à Professora e, sem ter muito que dizer, expliquei-lhe que aquele era o primeiro mapa rumo à felicidade. Não me lembro da nota, mas de uma frase proferida por ela: “certeza de

que você vai fazer arte, menina!”. Não só a profecia, mas o reconhecimento do valor estético e simbólico da produção fizeram-me despertar para essa possibilidade que acabou se concretizando.

A força dos nossos relatos de experiência trouxe a confirmação do poder da Arte quando bem explorada como disciplina escolar. Em uma perspectiva triangular do ensino, proposta nos anos 1980 pela arte-educadora Ana Mae Barbosa, o professor de Arte deverá ser como um provocador, proporcionando aos alunos a contextualização histórica da arte, o fazer artístico e a apreciação artística. Observados os preceitos teóricos, os projetos existentes e as nossas experiências pessoais, percebemos que o reconhecimento das grandes ações institucionais se dá muito mais nos campos da contextualização e da apreciação e bem menos no campo da produção.

Quando o NUPI foi criado pelo Secretário de Educação, Prof. Dr. Jorge Carvalho do Nascimento, o grande objetivo foi o de dar visibilidade aos trabalhos artísticos e culturais que vinham sendo realizados nas escolas da rede, de maneira dispersa e muitas vezes sem o devido in-

centivo. Juntando todos esses elementos, de maneira coerente com as propostas teóricas e institucionais, pensamos o AVIE! como forma de valorizar o fazer artístico, projetando socialmente a arte que sai da escola.

Escrevemos o projeto pensando nos professores e alunos que vão além em suas práticas. Sabíamos que a adesão seria grande, mas não imaginávamos o quanto! O professor Marcelo Prudente, responsável pela pré-seleção das obras e pelo contato com os selecionados pelo júri reportou o recebimento de aproximadamente 200 obras. Na primeira etapa expusemos 54 e na segunda, 52.

Para que a mostra tivesse o melhor conteúdo possível, um júri de expertise no campo das Artes Visuais atuou na primeira etapa a fim de selecionar as obras a serem expostas e os três primeiros colocados. Todos os participantes receberam menção honrosa e os 10 primeiros receberam menção honrosa com destaque. Como premiação, a SEED presenteou os 3 primeiros colocados com tablets. Fizeram parte do júri os artistas Antônio da Cruz e Fábio Sampaio e a galeria Jane Junqueira, diretora da Galeria de Arte J. Inácio. Os

Escrevemos o projeto pensando nos professores e alunos que vão além em suas práticas. Sabíamos que a adesão seria grande, mas não imaginávamos o quanto!



Olhe ao redor! Tem muita beleza neste lugar. O belo toma este espaço com sua presença direta e marcante. O belo bruto, percebido ainda em seu núcleo duro, ainda escondido, e que ao mesmo tempo se projeta com tamanha força, que se torna impossível não percebê-lo ou ignorá-lo.

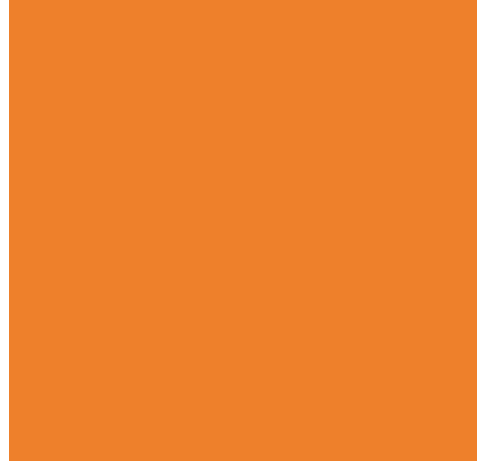
Danielle Virginie



Visita dos alunos à Exposição. Foto: Eugênio Barreto.



Foto: Eugênio Barreto



Visita do Secretário de Estado da Educação, Jorge Carvalho, à exposição. Foto: Eugênio Barreto.



Fotografia de Kalinda Flausino – Destaque na 2ª etapa



Foto: Divulgação



Vinícius Vasconcelos, vencedor da primeira etapa. Foto: Maria Odília.

alunos premiados foram: Vinícius Antônio Vasconcelos, do Colégio Estadual Prof. Hamilton Alves Rocha; Fabiano Santos de Freitas, do Colégio Estadual Marechal Pereira Lobo; e Gabriela Guimarães, do Colégio Estadual Dom Luciano, respectivamente 1º, 2º, e 3º lugar.

Na segunda etapa o compuseram o júri as professoras do Departamento de Artes Visuais e Design da Universidade Federal de Sergipe, Adriana Dantas Nogueira, Ana Carolina Oliveira e Germana Araujo. Foram premiados os alunos: Willian Souza, do Colégio Juscelino Kubitschek; Thiago José Pinto, do Colégio Antônio Garcia Filho; Kalinda Flauzino, da Escola Estadual Prefeito Gentil Tavares da Mota, respectivamente 1º, 2º, e 3º lugar.

[Avie] É uma palavra que faz parte do vocabulário nordestino e sergipano, que reduz a expressão “ande rápido!”

Além de ser um anagrama para Artes Visuais na Escola, AVIE! é um chamamento para a gente ser ligeiro. É uma palavra que faz parte do vocabulário nordestino e sergipano, que reduz a expressão “ande rápido!”.

É uma provocação para os professores de arte em específico para que eles percebam e observem de maneira mais sensível o talento dos alunos que produzem arte na escola. Neste primeiro momento a experiência de transpor a produção dos estudantes para um equipamento cultural de tamanha relevância para a Arte em nosso estado, neste caso, a galeria J. Inácio, foi de grande significado para o ensino de Arte em Sergipe.

Foi bonito de ver a felicidade e o orgulho nos rostos dos alunos/artistas, de

seus familiares e professores. Alguns receberam convites para trabalhos. Outros, para exposições. De fato, as obras exibidas ofereciam boa qualidade estética e acuidade visual e os convites foram o reconhecimento disso. Em nós, técnicos, também professores, um misto de sensações: a de dever cumprido e a de começo de muito trabalho a ser feito.

Aviámos em revelar essa beleza. A arte produzida pelos alunos da Rede Pública Estadual de Sergipe precisa deste espaço, afinal, serão estes meninos e meninas que seguirão pelas estradas abertas por J. Inácio, Leonardo Alencar, Cruz, Fábio Sampaio, Cirulo, Anete Sobral, Hortência Barreto...

Cores, histórias de lugares, de vida, ícones da cultura pop e popular, tudo se torna motivo para as criações desses jovens sensíveis às minúcias e aos contornos do cotidiano que vivenciam. Emoções tradu-

zidas em traços fortes, pinceladas intensas e mensagens claras: queremos Arte!

Arte-educadoras como Ana Mae Barbosa, Rosa Iavelberg, Mirian Ceslente Martins defendem que a produção de Arte deve ser um dos pilares da educação escolar. A presença desta disciplina é determinante para a formação de uma concepção estética de mundo – percepção esta que não está ligada somente à interpretação do que é ou não belo, mas ao entendimento mais aprofundado da linguagem visual, essencial para a sobrevivência em nossos dias.

Aviámos em satisfazer essa necessidade de Arte. O AVIE! Convida-lhes a conhecer a arte produzida em Sergipe, do Real ao São Francisco, passando pelo corte do Vaza Barris, de todos os cantos, que deságua hoje neste salão como um belo e caudaloso rio deságua em um mar de possibilidades. AVIE! 



JORNALISMO
LITERÁRIO E A
Revista
Cumbuca

Bruna Daniely

No Brasil, as revistas surgiram no início do Século XIX. A primeira revista, publicada em 1812, nasceu em Salvador, Bahia, com o nome “As variedades ou Ensaio de Literatura”. Semelhante a um livro, a publicação tratava de generalidades com foco nas questões sociais e morais da época. O estado de Sergipe possui atualmente poucas revistas em circulação, Silva & Linhares (2009) destacam que a primeira revista do estado é datada de 1876, intitulada “O Bouquet” e tinha como objetivo apenas o entretenimento.

Lançada em Sergipe em Julho de 2013 pela Segrase (Serviços Gráficos de Sergipe), a revista Cumbuca tem edição trimestral e inicialmente foi pensada como suplemento mensal para o Diário Oficial do Estado. A revista surgiu quando o então governador do Estado, Marcelo



“A revista Cumbuca por meio da sua composição textual e gráfica, através das fotos, design e textos, se apresenta como um produto novo e atrativo aos sergipanos por tratar temas de maneira bem diferente de como é feito pela imprensa sergipana”.

Déda Chagas convidou o professor Jorge Carvalho para dirigir a Segrase e o solicitou que publicasse o Diário eletronicamente e o transformasse numa publicação diária, pois o Diário Oficial do Estado era publicado de acordo com os interesses do governo e com data retroativa. Outra grande sugestão de Marcelo Déda foi que criassem uma revista de cultura a exemplo do que faziam vários diários oficiais de outros estados. O jornalista Amaral Cavalcante foi convidado para elaborar um projeto de revista para Sergipe, então focou-se na qualidade gráfica e editorial. A ideia inicial era que fosse algo que remetesse ao regionalismo sergipano, “Eita” e “Penctha” foram algumas das sugestões de nome, mas Cumbuca, sugerido pelo jornalista Paschoal Maynart, foi selecionado após várias reuniões da equipe. O nome escolhido faz uma leve referência ao ditado popular “macaco velho não mete a mão em cumbuca”, por conta da imprevisibilidade e surpresa pois não sabe o que pode encontrar.

O foco inicial era dotar o estado de Sergipe de uma revista cultural e de entretenimento, com dois eixos principais: divulgar a cultura sergipana e os seus grandes nomes, mas, primordialmente, aproximar as gerações mais antigas das gerações mais novas. Dessa forma a revista tanto mostra o que está despontando na cena cultural sergipana, dando maior espaço

ao que se faz em termos de arte alternativa, experiência artística e literária, quanto também destaca os nomes que devem ser preservados e conhecidos pelas gerações mais novas.

Referente à estrutura física, a revista dispõe da equipe de designers da Segrase. Os jornalistas que escrevem as matérias, todos são voluntários e contactados por Amaral Cavalcante que seleciona todo o material para publicação. Em média são 12 matérias selecionadas pelo editor geral da revista, são temas das edições: música, teatro, urbanidade, dança, folclore, literatura, poesia, entre outros. A revista também é construída para servir de fonte e documento para a pesquisa de estudantes, também alimenta a curiosidade do cidadão e serve para enaltecer o conhecimento dos jovens acerca do nosso patrimônio histórico e cultural.

A revista Cumbuca por meio da sua composição textual e gráfica, através das fotos, design e textos, se apresenta como um produto novo e atrativo aos sergipanos por tratar temas de maneira bem diferente de como é feito pela imprensa sergipana. Os textos dos artigos apresentam apuração aprofundada, linguagem leve e atrativa que fogem do jornalismo factual. As matérias podem ser lidas em qualquer época, pois não se prendem a um fato com prazo de validade, não são meras descrições dos fatos de maneira superficial. Os

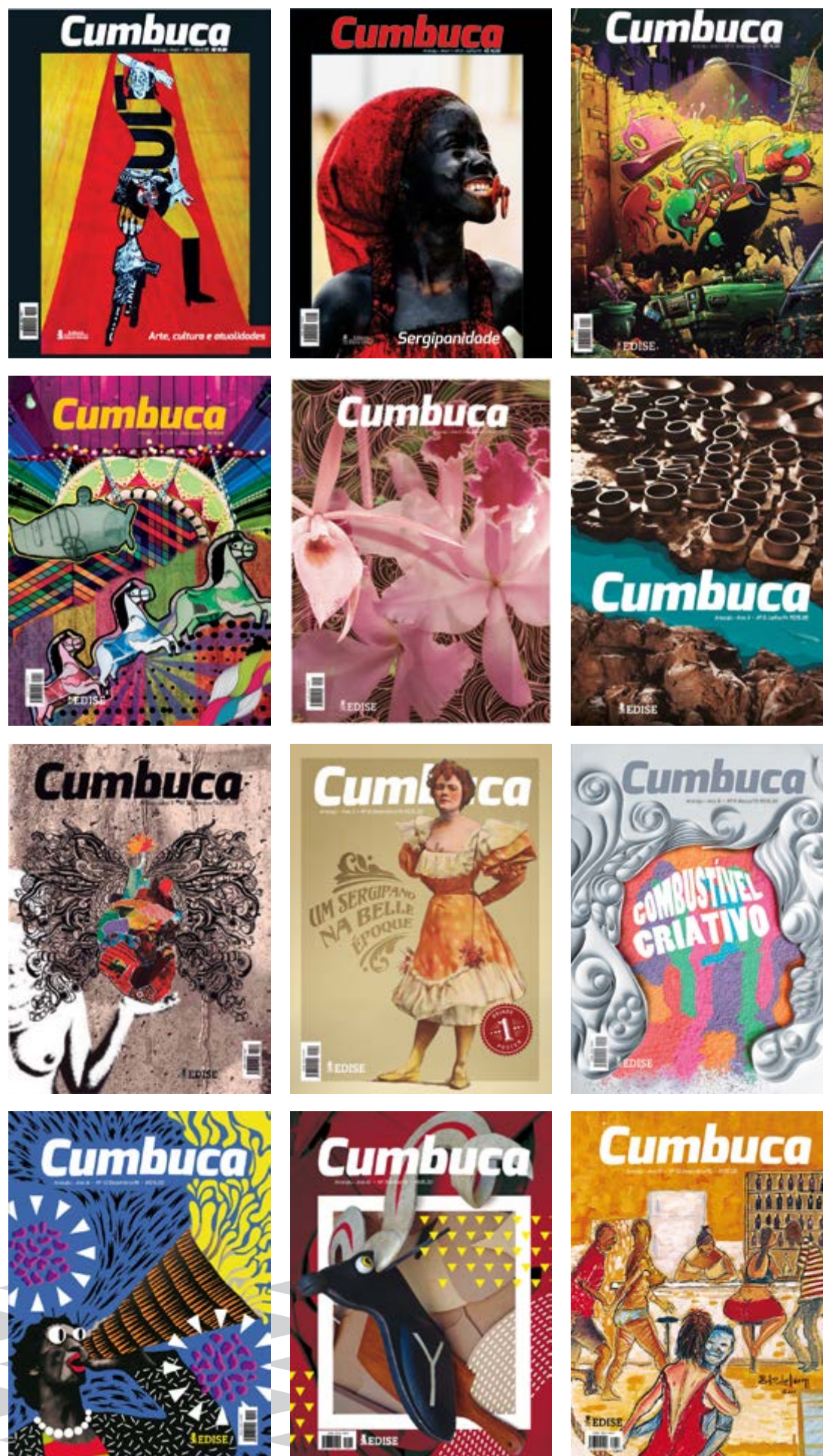
relatos e opiniões são expostos da forma como o entrevistado responde e o texto é construído baseado na humanização, as pessoas deixam de ser apenas uma fonte e se torna alguém com características específicas. Existe uma preocupação com que o leitor imagine de fato o que é descrito, conforme a riqueza dos detalhes.

Ao analisar as quatro edições do primeiro ano da revista Cumbuca nos deparamos com alguns elementos do jornalismo literário, que conforme PENA (2006), é um jornalismo muito diferente do tradicional pois tem como função envolver o leitor, ao utilizar-se dos recursos literários para prender a atenção e fugir das “pressões” dos manuais de redação, os quais pregam que os textos sejam curtos e objetivos. O autor utiliza a expressão “estrela de sete pontas” para designar os atributos específicos do jornalismo literário, que são: apuração rigorosa, abordagem ampla, rompimento com a exigência do lide, caráter perene, abandono das fontes de plantão, exercício da cidadania e afastamento do compromisso com a periodicidade e atualidade. Jornalismo e literatura têm como instrumento de trabalho a palavra, enquanto o primeiro tem prazo, *deadline*, público específico, busca pela audiência, prega a objetividade e compromisso com a realidade, a segunda é atemporal, busca a beleza, o encantamento, a polissemia e a imortalidade de sua obra. Apesar de ca-

racterísticas controversas, o jornalismo e a literatura têm muito mais proximidade do que se imagina, embora alguns autores neguem sua sintonia, outros acreditam que ambos se complementam.

O jornalismo literário embora em diversas épocas e localidades tenha nomes diferentes, se refere ao emprego de recursos literários (descrição detalhada, busca de fontes diversas das oficiais, humanização, entre outros) na prática jornalística, no entanto, sem desprezar a técnica, a ética, a apuração e o ancoramento nos fatos, elementos primordiais do jornalismo. A revista por ter um *deadline* mais longo e mais recursos, tais como fotos, quadros, mais espaço nas páginas, possibilita uma maior apuração dos fatos, dessa forma é o meio impresso mais propício atualmente, para a prática do jornalismo literário. Este tipo de jornalismo consiste no uso da criatividade própria do jornalista que se insere na realidade para entender e posteriormente, mostrar de maneira mais aprofundada do que a apuração feita habitualmente.

A revista Cumbuca é um instrumento para os “arquivistas malucos”, salvarem os arquivos e as memórias do povo sergipano, evidente que não é o único instrumento, mas é uma grande aliada para que as gerações futuras conheçam nossa história e para que a geração contemporânea valorize e respeite-a. Dessa manei-



Da esquerda para direita, Amaral Cavalcante, Sonia Pedrosa, Ananda Barreto, Jerferson Melo, Clara Macedo, Felipe Ferreira, Edson Lima, Vanessa Góes, Tide Barbosa e Rosilene Santos



Da esquerda para direita, Rayane Farias, Breno Ilan, Felipe Ferreira, Carol Oliveira (sentada), José Clécio, Rosilene Santos, Diogo Lisboa e Giuliano Roberto

ra, destaca-se a importância deste tipo de conteúdo para toda a sociedade, não só como entretenimento, mas como registro histórico e estímulo para valorização da cultura local. Uma publicação impressa que mostre o que é produzido pelo povo sergipano e o que o estado possui de patrimônio histórico e cultural, é de extrema relevância para que nós possamos nos identificar e prestigiar o que é nosso.

Desde o seu lançamento, a revista Cumbuca representa uma esperança para que os outros veículos possam se motivar a aumentar o espaço parecido com o que a revista propõe. Também abre um horizonte diferente para os jornalistas, pois esses profissionais não podem se limitar às regras rígidas impostas pelos manuais, torna-se necessário ousar no seu ofício, para que sua escrita seja perene e não sirva apenas para o imediatismo comercial das

empresas de comunicação, que muitas vezes se preocupam mais com os anúncios e o que é vendável em detrimento da prática ética do jornalismo.

Além de ter todos os elementos do jornalismo literário, da “estrela de sete pontas”, enumerados por PENA (2006), a característica “exercer a cidadania” é considerada a mais importante, pois a revista Cumbuca exprime a memória do povo sergipano, a cultura, os costumes e a música. Não apenas informa, como também presta serviço e estimula que o cidadão reflita sua função de sujeito na sociedade. Quando a revista mostra a história e a importância de determinado espaço público ou manifestação cultural, desperta no leitor uma sensação de pertencimento, ou seja, que ele também faz parte daquilo e o incentiva a respeitar e preservar. Vida longa a Revista Cumbuca! 

OS NÁUFRAGOS,

*uma história sangrenta
no mar de Sergipe*

Luiz Antonio Barreto

O mar sergipano, que recebe o contributo das águas que descem em rios que são da história – São Francisco, Japaratuba, Sergipe, Cotinguiba, Vaza-barris, Piauí e Real - foram tinturadas de sangue, no fatídico agosto de 1942.



Capitão de Corveta Harro Schacht, alemão nascido em Hamburgo- Alemanha.

Muitos mortos, feridos, naufragos dos torpedeamentos alemão, vítimas de uma agressão sem precedentes, que parece ter contado com a colaboração de súditos estrangeiros e de simpatizantes do nipo-nazi-facismo. As barras dos rios, antes conhecidas pelos naufrágios de barcos famosos, que sustentavam os planos de colonização do Brasil, como o Grifo Dourado, do capitalista Gabriel Soares de Souza, arrebatado pelas ondas na foz do rio Vaza-barris, se transformaram em palco dantesco, de destruição, vitimando pessoas inocentes, que cumpriam viagens pela costa nordestina. Crianças, adultos, famílias inteiras, soldados, todos desfilaram suas dores, suas agonias.

AÇÃO DE GUERRA

A II Guerra Mundial, iniciada, por motivos obscuros, na distante Europa, em 1939, provocava manifestações em grande parte do mundo. O Brasil ficava neutro, embora cultivasse amizades com países do Eixo e outros participantes do conflito. A neutralidade brasileira era fragilmente garantida pelos pequenos navios da Marinha de Guerra, que patrulhavam as costas. Na verdade, as autoridades do Brasil confiavam no respeito aos tratados internacio-

nais e aos princípios que regiam o relacionamento entre as Nações. Os serviços de informações da guerra, em meio a boatos, apontava para a tática alemã de afundar navios e minar as saídas, principalmente na costa do nordeste e especificamente nos portos de Recife, Salvador e Rio de Janeiro. Para isto o submarino U-507 partiu de Bordéus, na França, em princípios de junho de 1942, comandado pelo Capitão de Corveta Harro Schacht, alemão nascido em Hamburgo. O plano foi abortado, tendo os estrategistas da guerra preferido esperar a vez de atacar, em segurança, as posições brasileiras.

Ainda no dia 15 de agosto de 1942, já ao fim da tarde, o periscópio do submarino avistou um navio, e logo deu início a armação traiçoeira, esperando o momento propício ao ataque. Aos 12 minutos do dia 16 de agosto de 1942, o navio BAE-PENDY foi sacudido, violentamente, pelo fogo do Submarino alemão U-507. O sucesso germânico foi total. O submarino permaneceu na zona do ataque, a espera de outros barcos que estavam em viagem na área. Ainda na mesma madrugada de 16 de agosto, o navio ARARAQUARA foi avistado e torpedeado, inflando o sucesso do capitão Harro Schacht na guerra. De pouco adiantava aos navios brasileiros navegar com as luzes acesas, indicando a neutralidade do País, cuja bandeira tremulava como identificação. Fechando o dia



Navio Baependy foi o primeiro barco torpedeado pelo Capitão Harro Schacht - 270 mortos.

16 foi torpedeado o navio ANIBAL BENÉVOLO. No dia seguinte, 17, às 15:49 o navio atingido era o ITAGIBA, seguindo-se, às 18 horas o ARARÁ e, às 23:37 um cargueiro, sem identificação, mas que pareceu ser o S.S. CLYMER, pois uma de suas baleeiras apareceu na costa da Barra dos Coqueiros. No dia 18, para corrigir uma avaria, o U-507 emergiu e foi atingido, sem consequências, por um avião Consolidated, dos Estados Unidos. No dia 19, encerrando suas agressões, o submarino alemão torpedeou o cargueiro, a vela, JACIRA. No dia 23 de agosto retornou à base, não sem antes liquidar com fogo de artilharia e 4 torpedos o navio mercante HAMAREN, de bandeira sueca.

O torpedeamento do S.S. CLYMER nas águas sergipanas parece ter dado o mote para que circulasse a versão de que as agressões aos navios brasileiros partiram dos Estados Unidos, para forçar que o Brasil deixasse de ser neutro e entrasse na guerra. A tese prosperou, na medida em que alguns súditos estrangeiros passassem o constrangimento da suspeição, fossem presos e revistados e tivessem suas casas e bens atingidos pela violência produzida pela revolta popular, que desde o dia 16 de agosto tomou as ruas de Aracaju e de Estância, principalmente. Sergipe viveu, então, entre dois caminhos: o da dor e do sofrimento pelos mortos e feri-

dos, que exigia socorro e solidariedade, e a revolta pela traição. Era tempo de prosperar toda a boataria, suspeita, não faltando injustiças cometidas contra pessoas de estrangeiros e suas famílias. Há quem diga, ainda hoje, por exemplo, que o submarino alemão tinha comunicação com o italiano Nicola Mandarinio, proprietário de uma fazenda cortada pelo rio Vaza-barris.

Em meio aos fatos, levantaram-se vozes lúcidas, emocionadas, condenando o ato de guerra e exigindo das autoridades brasileiras o fim da neutralidade e a entrada no conflito, que se alastrava. Em Estância, cenário dos horrores, Renato Cantidiano, no jornal A Razão, conclamava as massas esclarecidas para o protesto contra a agressão alemã, que feria todos os fóruns de civilidade. O mote das ruas, que alcançava alto volume em Aracaju, era a quebra da neutralidade, a reação brasileira, a declaração de guerra contra o Eixo. Rapazes dispostos, interrompiam seus estudos e ofereciam suas forças para honrar a pátria e a terra feridas. Era preciso, no entanto, conter os excessos e impedir, por exemplo, que pessoas sem escrúpulos chegassem a cortar os dedos dos naufragos, para tomar posse de anéis, alianças, expropriando o que restou da tragédia.

A AJUDA QUE VEM DO AR

O Aero Clube de Sergipe, fundado em 1939, e apoiado pelo Governo da



16 de agosto de 1942

Às 0:12 O navio BAEPENDY foi sacudido violentamente.



O navio ARARAQUARA foi avistado e torpedeado 131 mortos



Fechando o dia 16 foi torpedeado o navio ANIBAL BENÉVOLO 150 mortos



17 de agosto de 1942

Às 15:49 o navio atingido foi o ITAGIBA 36 mortos



Às 18:00 o navio atingido foi o ARARÁ 20 mortos



Às 23:37 um cargueiro, sem identificação, mas que pareceu ser o S.S. CLYMER.



19 de agosto de 1942

O submarino alemão torpedeou o cargueiro, a vela, JACIRA.



23 de agosto de 1942

Liquidou com fogo de artilharia e 4 torpedos o navio mercante HAMAREN



09 de janeiro de 1943

Na altura do Pará, bombas de profundidade destroçaram o submarino U-507.





Navio Araraquara



Navio Arará

Intendência Federal e por setores empresariais, mantinham seus pequenos aviões, destinados a aulas de pilotagem e as tarefas extraordinárias, que pudessem surgir em Sergipe. Por isto o Aero Clube utilizava uma de suas aeronaves para fazer patrulha, entre Alagoas e Bahia, cobrindo integralmente a costa sergipana. Foi cumprindo uma rotina, que no dia 16 de agosto de 1942 o pequeno avião do Aero Clube, pilotado por Walter Baptista e Lourival Bonfim, mais tarde engenheiro e industrial, médico e cientista, avistou um

homem, fazendo esforço para sair do mar. Era na altura do Mangue Seco, terras da Bahia. Descendo para oferecer socorro ao naufrago, os dois jovens pilotos tomaram conhecimento do ocorrido e identificado a vítima como um cozinheiro de um dos navios torpedeados, transferiram-na para o Crasto, no lado praieiro sergipano.

Foram os pilotos do Aero Clube que trouxeram à sua base, em Aracaju, a notícia dos fatos, informando ao Interventor Federal, que por sua vez comunicou ao Governo Central, no Rio de Janeiro,

desencadeando uma mobilização que ganhou as praças e ruas do Brasil, gritando em uníssono para que as autoridades brasileiras declarassem guerra aos nazistas e seus colaboradores. Aracaju comovia-se com o drama das famílias das vítimas dos torpedeamentos. Casas de família recebiam doentes,

abrigavam parentes, socorriam a todos, no transe difícil da tragédia inusitada. Na mesma proporção da solidariedade, surgiam os protestos, os atos de vandalismo, a demonstração da antipatia pelos estrangeiros residentes em Sergipe, alguns dos quais influentes empresários.

Dias e meses de um trauma que nunca sarou. O Brasil desceu do muro e negociou sua entrada na guerra, organizando, mais adiante, a Força Expedicionária Brasileira – FEB, que lutou nos campos de batalha da Itália e honrou a farda com o patriotismo que dava resposta à agressão. Vários sergipanos, incluindo mulheres que serviram como enfermeiras, a exemplo de Lealda Campos, vestiram o uniforme da FEB, com orgulho e patriotismo, como a vingar os torpedeamentos covardes que vitimam centenas de pessoas e deixaram na alma sergipana um sentimento de tristeza e de amargura, que jamais se apagou da memória sergipana.

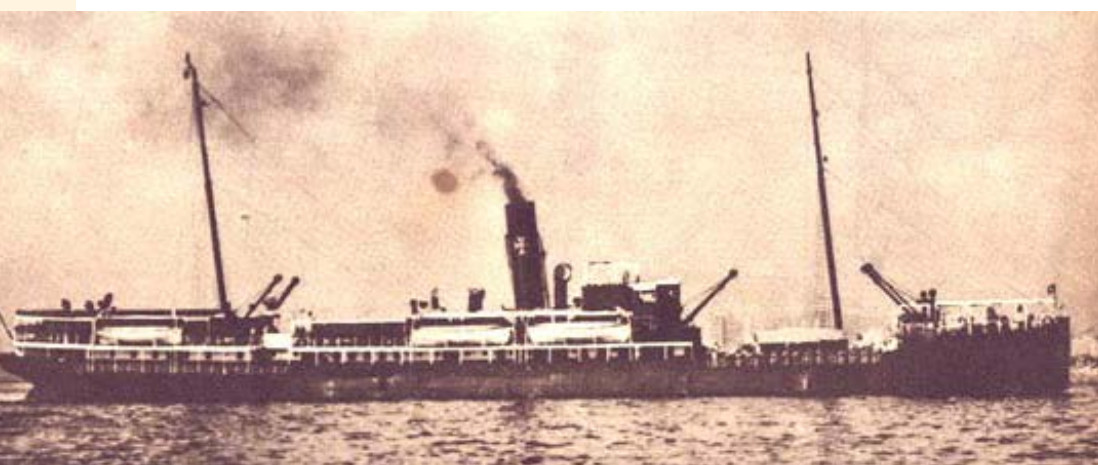
O militar alemão Harro Schacht tinha planos de voltar à costa sergipana. Em 8 de janeiro de 1943, à altura das Guianas, na sua viagem de regresso ao Brasil, torpedeou o navio inglês YORKWOOD. No dia 9 do mesmo mês e ano, na altura do Pará, bombas de profundidade encerraram a carreira do Capitão, então com 35 anos e destroçaram o submarino U-507. O militar recebeu, então, do Governo da Alemanha promoção pós morte, e a ho-

menagem da Ritter Kreuz dês Eisernem Kreuzes, pelos seus atos considerados de heroísmo pelo seu País.

OS NÁUFRAGOS

Por toda a extensão da praia sergipana apareceram os cadáveres e os restos dos navios torpedeados. A costa do Saco, da Caueira, em Estância, do Mosqueiro, da Barra dos Coqueiros, ilha em frente a Aracaju, receberam os corpos e restos de corpos, juntamente com escaleres, baleeiras e tábuas, resultado da operação de guerra alemã. A grande mobilização social visava condenar, nas ruas, a agressão surpreendente e mortal do submarino U-507, apupando os colaboradores, apontados como responsáveis pelas informações sobre os navios que cumpriam linhas regulares na costa brasileira do nordeste. No mais, era acolher os naufragos, salvar restos de vida, sepultar os mortos, cobrir com a solidariedade a dor, o luto, o sofrimento.

Alguns estrangeiros, suspeitos de colaboração, responderam a Inquéritos, sob a responsabilidade do então Chefe de Polícia, o magistrado Enock Santiago. Casas, móveis e outros pertences foram retirados das casas dos estrangeiros, jogados na rua, queimados, quebrados, como uma vingança desesperada, no transe agressivo que mutilou a sociedade sergipana. Foi de Sergipe que saiu o grito



Navio Itagiba



Navio Aníbal Benévolo

de revolta, que ecoou por todo o Brasil, mobilizando nas capitais do País as forças esclarecidas, os jovens dos dois sexos, os estudantes, todos os patriotas informados com a traiçoeira ação de guerra dos alemães e seus parceiros na guerra.

Parte dos mortos foi sepultada na própria praia, pelo movimento das marés ou nos areais entre a foz do rio Sergipe e a foz do rio Vaza-barris, onde foi feito o Cemitério dos Náufragos. Outros foram sepultados, como se fossem todos indigentes, sem parentes, no Cemitério dos Cambuís, mais tarde Cemitério da Cruz Vermelha, vizinho ao Cemitério Israelita, na zona oeste da capital sergipana. Entre os mortos, as famílias identificavam seus entes queridos, como o Capitão Aduaneiro Antônio Fernandes Neto, casado na família Matos Teles, que viajava no ANIBAL BENÉVOLO e deixou duas filhas: Ilma Teles Fernandes e Maria Amélia Te-

les Fernandes de Luca.

Em 21 de novembro de 1980, com a presença do General João Figueiredo, Presidente da República, o Governo do Estado de Sergipe (Augusto Franco, governador) inaugurou com o nome de Rodovia dos Náufragos a estrada, asfaltada, entre os bairros de Atalaia e Mosqueiro. Vários sobreviventes dos torpedeamentos no Brasil, sergipanos de origem, foram homenageados, dentre eles: Francisco Avelino dos Santos, nascido no povoado Areias, município de Santo Amaro das Brotas, tripulante (Moço de Convés) do navio mercante COMANDANTE LIRA, torpedeado na costa brasileira, entre os Estados de Pernambuco e Ceará; Diógenes Lima Carvalho, natural de Itabaiana, maquinista do navio auxiliar VITAL DE OLIVEIRA, torpedeado próximo a Cabo Frio, no Rio de Janeiro.



Cemitério dos Náufragos

UMA HISTÓRIA DE AMOR

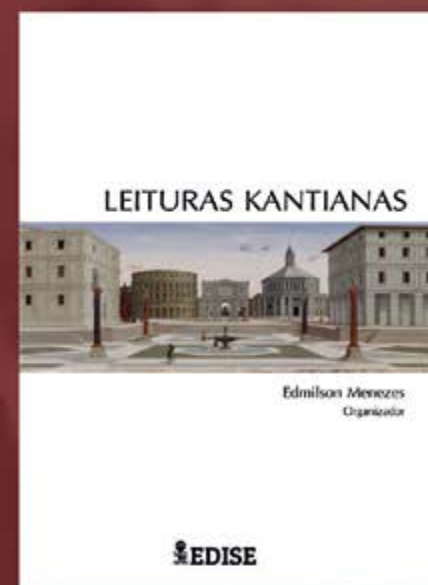
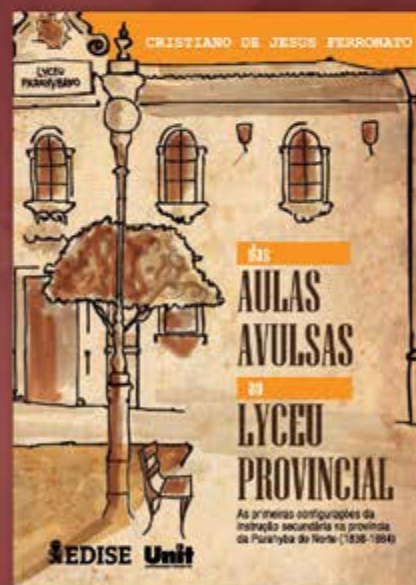
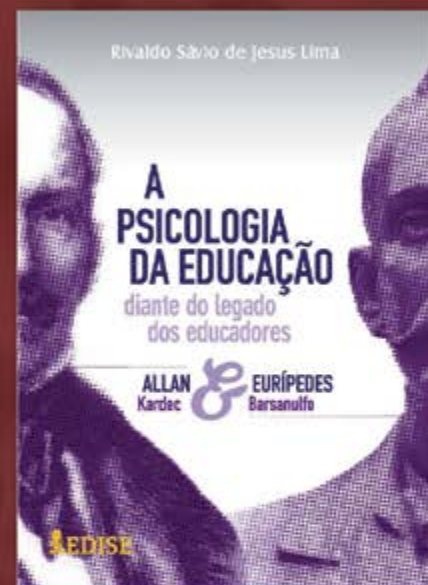
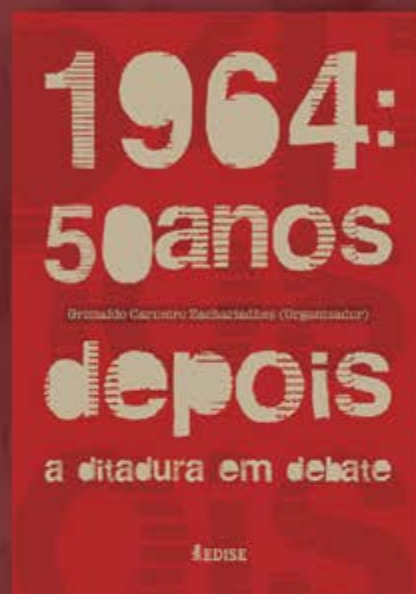
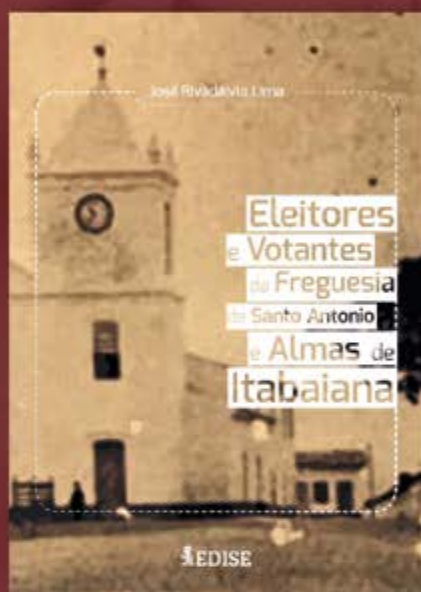
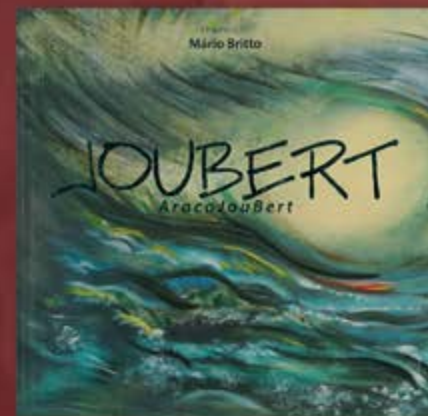
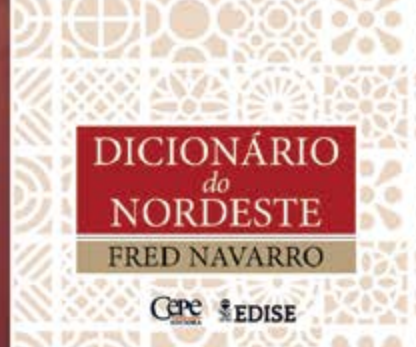
No bojo da tragédia, uma história de amor marcou a vida de Alaíde Lemos Lins Cavalcanti, passageira do ARARAQUARA, que viajava com seu marido, o Sub-Tenente Antonio Lins Cavalcanti e com três filhos. Salvando-se graças a uma grande bolha de ar, formada na baleeira emborcada e juntamente com alguns companheiros chegou a praia de Estância, vindo depois para Aracaju, sendo medicada e tomando, como hóspede, o Rubina Hotel, situado na praça Fausto Cardoso, no centro de Aracaju (onde hoje está o Palácio Tobias Barreto, sede do Tribunal de Justiça do Estado. Posteriormente foi abrigada na casa do Dr. Alfredo Aranha. Além do esposo e dos seus três filhos, Alaíde Lemos Lins Cavalcanti perdeu seu irmão, o Sargento Valdemar Figueiredo Lemos.

Francisco Alves Pereira, cearense de Baturité, Sub-Tenente do Exército, esperava em Campina Grande a chegada do ARARAQUARA, no qual viajavam sua mulher – Amélia Figueiredo Pereira - e seus três filhos. Ao saber da notícia dos torpedeamentos, desloca-se para o Recife e depois para Aracaju, onde fica sabendo, justamente pelo depoimento de Alaíde Lemos Lins Cavalcanti, que todos estavam mortos. Ele re-

torna à Recife, alista-se como voluntário para lutar na guerra, vai ao front e, quando retorna, reencontra Alaíde em 1945, e logo em 1º de janeiro de 1946 casa-se com ela, vindo morar em Aracaju a partir de 1950, definitivamente.

Firmando, provavelmente, um pacto de não ter filhos, Alaíde, que passou a assinar Alaíde Lemos Pereira e Francisco Alves Pereira selaram um compromisso até a morte. Vivendo em Aracaju, com casa na Rua Terêncio Sampaio, 80, no bairro Salgado Filho, ele morreu, em 13 de outubro de 1983, no Hospital São Lucas, aos 76 anos, vitimado por Broncopneumonia, AVC e outras doenças, sendo sepultado no Cemitério de Santa Isabel, no jazigo comprado por ela, em 17 de outubro do mesmo ano. Ela, das prendas do lar, enviuvou e sobreviveu, sem que sua vida fosse acompanhada mais do que pelos vizinhos. Ele, militar reformado como Capitão, ocupou cargos públicos na antiga SUNAB. Retraídos, de certo modo tristes, viveram em Aracaju por mais de trinta anos, participaram, e foram homenageados, em 1980, quando da inauguração da Rodovia dos Náufragos e embora evitassem falar sobre a história de amor que sufocava a tragédia, pareciam serenos no solidário amor que os uniu, nos tempos difíceis da guerra.

“A EDISE tem a grande satisfação em fazer parte dessas histórias.”



facebook.com/segrase

Email: segrase@segrase.se.gov.br

Tenha nossos livros em sua casa.
Compre pelo site www.segrase.se.gov.br

Rua Propriá, 227 - Centro - Aracaju/SE
79.3205.7421



